



# Ministério

Maio - Junho de 2001

Uma revista internacional para pastores e obreiros



**A glória de Cristo  
no evangelho de João**





# Conforto no caos

**M**inha tia morreu recentemente, quando Sharom e eu viávamos a trabalho pelo mundo. Não foi possível retornar para o funeral. Refletindo sobre a angústia do triste acontecimento, cheguei a algumas conclusões que partilho com você.

**Deus é sempre bom.** A experiência de nosso mundo pecaminoso é a realidade da morte e perda. Algumas vezes, na alegria experimentada com a família, os amigos, ou situações agradáveis, nos esquecemos de que nossa vida é como a flor que murcha. O abraço esmagador da morte, entretanto, lembra-nos que toda pessoa nasce sob sentença de morte. Embora ela não seja parte da criação original de Deus, sua horrenda realidade é a consequência da desobediência humana. A restauração final de Deus nos promete vida eterna, uma realidade difícil de ser vista quando o sofrimento nos envolve. A garantia da vitória final cura a ferocidade da perda.

**A morte não manda aviso.** Embora eu soubesse que minha tia estava doente e, junto com meus irmãos, planejasse algumas coisas relacionadas com a sua morte, não estava preparado para receber a má notícia no primeiro dia da viagem. Mesmo quando a morte é prevista, sua chegada sempre traz uma carga esmagadora sobre nós. Quer apareça subitamente, golpeando famílias, ou venha concluir uma longa batalha contra a doença, a morte nunca chega no momento "certo". Não existe data conveniente para ela. É mesmo se pudéssemos planejá-la, poucos de nós escolheríamos cumprir qualquer compromisso com ela.

**A vida nunca é longa.** Quando falei pela última vez com minha tia, ela me disse que já tinha vivido muito. Estava agradecida a Deus pelas boas coisas que recebera durante sua vida e declarou estar em paz com a proximidade do fim. Entretanto, quando o momento chegou, sua filha, que estava com ela, anelava ter tido pelo menos um dia ou uma hora a mais para fazer algo que representasse o último adeus. Talvez, um dos mais destrutivos resultados da morte é a perda de oportunidade para dizer algo a quem nós amamos.

**Além da tristeza.** Eventualmente a dor da perda diminuirá enquanto avançamos nos vários estágios do pesar. Tal progres-

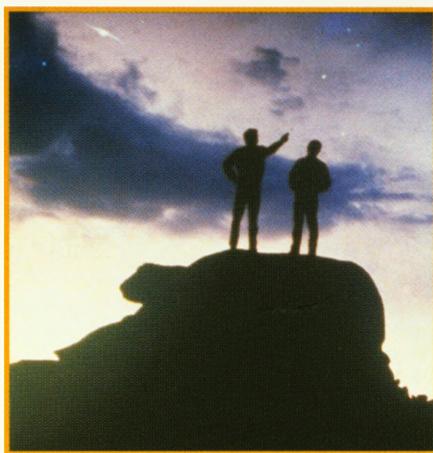
so crescerá pela interação com pessoas que também tiveram recente perda. Às vezes, mesmo as promessas de Cristo parecem uma esperança mais distante que o barulho da pá que escava a sepultura ou o som surdo da terra sobre a tampa do caixão. Mas o verdadeiro dom de Deus, o Espírito Santo, conforta-nos em meio ao caos. Na tempestade de fogo da nossa perda, Sua voz calma e tranqüila nos comunica amor, segurança e paz.

**Outros também sofrem.** Embora nos entristecemos com o golpe mortal contra a nossa família, devemos lembrar daqueles que têm perdido entes queridos em circunstâncias mais trágicas. Que dizer do pai cujo filho morreu em uma guerra, ou do marido cuja esposa foi vítima de um acidente automobilístico? Que dizer dos pais cujo filho pequeno sofre um mal incurável? Há sempre motivos para agradecer, quando comparamos nosso sofrimento ao de milhares de pessoas.

**Plano para o futuro.** Todo crente é confrontado com desafio de focalizar os planos para o futuro enquanto vive o presente. Boas intenções não transformadas em ações presentes são apenas ficções do pensamento. Antecipação irresponsável de coisas futuras pode entrar o trabalho e a ação corretiva de hoje. O desafio de Deus para Seu povo sempre foi viver em perspicaz antecipação da eternidade, embora alegremente abraçando Suas bênçãos no presente.

**O descanso é um prêmio.** A vida da minha tia foi misericordiosamente concluída antes que uma deterioração maior e a dura realidade dos tratamentos médicos destruíssem a qualidade de vida. As Escrituras descrevem nosso amoroso Pai como dando repouso ao fiel seguidor. Por mais dolorosa que seja a separação, é sempre uma demonstração da misericórdia divina, ir alguém ao repouso antes de sofrer prolongadamente antes da morte.

**Inimigo vencido.** A morte finalmente será derrotada pelo nosso Pai Celeste. Como observa Dennis R. Bolton, pastor luterano, "tal como o sopro de Deus deu vida a ossos secos (Eze. 27), o Seu povo ressuscitará em uma nova criação". Sim, o mesmo Criador que deu vida a Adão, quando ele era apenas um boneco de barro, sufocará a morte e erradicará esse inimigo na alegria da Sua restauração eterna. — James Cress



PhotoDisc

# Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 72 – Número 03 – Mai./Jun. 2001  
Periódico Bimestral

**Editor:** Zinaldo A. Santos

**Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos

**Programador Visual:** Jobson Santos

**Colaboradores Especiais:**

James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais;  
Wilmore Eva; Julia Norcott

**Colaboradores:**

Helder Roger C. Silva; Ivanaudo B. Oliveira;  
José S. Ferreira; Mário Valente; Montano  
Barros Neto

**Capa:** Heber Pintos

**Diretor Geral:** José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro:** Edinor Max Gruber

**Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento Direto:

[saa@cpb.com.br](mailto:saa@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/ministerio](http://www.dsa.org.br/ministerio)

[www.dsa.org.br/elministerio](http://www.dsa.org.br/elministerio)

Tiragem: 4.300 exemplares

5935/8276

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,  
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
CERTIFICADA PELA ISO 9002

Editora dos adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,  
18270-970 Tatuí, SP



EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

## A vocação da igreja

Nos dias de Paulo, os cristãos da cidade de Éfeso estavam se defrontando com problemas não muito diferentes daqueles que caracterizam os dias atuais. Metade da população do Império era composta de escravos, tratados com tal desumanidade que eram comprados e vendidos como se fossem animais. Com exceção de uma pequena classe de dominadores, a outra parte da população, consistia de comerciantes e trabalhadores que, a muito custo, levavam uma vida precária.

A corrupção moral era famosa. Éfeso era o centro de culto à Diana, a deusa da fertilidade. A violência campeava. As legiões romanas não conheciam limites quando tinham de suprimir qualquer sinal de revolta contra a autoridade do imperador Nero.

Sabendo das condições prevalecentes em Éfeso, da sua prisão domiciliar em Roma, Paulo lhes escreve: “Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados” (Efé. 4:1).

Não importam as circunstâncias; quando a Igreja se mantém fiel à vocação para a qual foi instituída, ela pode fazer a diferença na sociedade. E a Igreja foi chamada para ser santa e irrepreensível (Efé. 1:4), “para louvor da glória de Sua graça” (v. 6), isto é, para revelar ao mundo a glória do caráter de Deus, para ser a morada de Deus (Efé. 2:19-22) e tornar conhecida a “multiforme sabedoria de Deus” (Efé. 3:8-10).

Portanto, a vocação da Igreja é mostrar por preceito e exemplo o caráter de Jesus Cristo. Ele é a personificação da glória do Pai. Foi dessa forma que Se revelou a Pedro, Tiago e João de modo especial no monte da transfiguração. De igual maneira, exerceu o Seu ministério terrestre. E a Igreja, no dizer de Paulo, é depositária dessa glória. Essa é a essência da verdadeira missão. Devemos proclamar ao mundo a realidade de uma experiência transformadora de vidas. Numa época de valores distorcidos, quando a corrupção deslavada, a violência e a imoralidade já se tornaram corriqueiras, a Igreja deve impor-se como uma força de transformação, não com discursos teóricos e vazios, mas revelando experimentalmente o Cristo que habita em cada um de nós.

A Igreja precisa invadir todos os segmentos da sociedade, levando o Cristo ressurreto aos corações de homens e mulheres, a fim de que os transforme em novas criaturas. Nós fomos chamados para essa vocação. Em nome de Deus e por Seu Espírito, vamos cumpri-la.

**Zinaldo A. Santos**

- 10 • A SEXUALIDADE E O PASTOR** • A maneira como o pastor foi sexualmente educado exerce grande influência no modo como ele administra o assunto em seu dia-a-dia.
- 12 • PLANEJE SUA IGREJA PARA O SUCESSO** • Sugestões sobre como elaborar propósitos, valores, missão e visão para as congregações.
- 17 • JOÃO E A TRANSFIGURAÇÃO DE CRISTO** • Embora João não tenha registrado o fenômeno da transfiguração de Jesus, em seu evangelho, ele não a ignora.
- 21 • COMO TRATAR O TEXTO BÍBLICO** • Orientações para interpretar, reinterpretar e aplicar corretamente uma passagem das Escrituras.
- 23 • EDUCAÇÃO PARA O EVANGELISMO** • Uma análise sobre a importância do treinamento evangelístico no preparo de um pastor.
- 26 • O PERIGO DOS TRÊS “Ps”** • Um alerta sobre algumas atitudes que podem contribuir com os planos do inimigo.
- 30 • O SANTUÁRIO CELESTIAL** • Considerações sobre o ministério sacerdotal de Cristo.
- 32 • A TEMPERATURA DA MENSAGEM** • Como tornar a pregação mais interessante e efetiva.

## SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL  
**3** EDITORIAL  
**4** CARTAS  
**5** ENTREVISTA  
**7** AFAM  
**8** PONTO DE VISTA  
**16** IDÉIAS  
**28** NOTÍCIAS  
**34** RECURSOS  
**35** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



**“Sucesso não acontece por acidente, mas é produto de idealismo, planejamento e ação, executados sob a liderança do Espírito Santo.”**

George Knight

## Quer receber Ministério

*Sou ancião da Igreja Adventista do Sétimo Dia, há 16 anos. Considero muito preciosa a leitura da revista Ministério. Infelizmente, não tenho oportunidade de consegui-la. Gostaria, se possível, de recebê-la regularmente, o que antecipadamente agradeço muitíssimo.*

**Júlio Simões Filho**, São José dos Campos, SP

*Prezado irmão Júlio: Ministério é produzida na Casa Publicadora Brasileira, mas é distribuída pela Divisão Sul-Americana, com base numa lista de nomes de pastores e anciãos, elaborada pela Associação Ministerial dos Campos. Contate o seu pastor ou o secretário ministerial da sua Associação. Eles terão as informações de que o irmão necessita.*

## Via internet

*Parabéns aos que fazem Ministério, pela feliz disponibilização virtual desta importante revista. Gostaria de saber se haverá um index on-line para tornar mais fácil a localização dos artigos e se estarão sempre disponíveis os arquivos de todas as edições anteriores. Finalmente, gostaria de sugerir que o site fosse largamente divulgado entre os pastores, obreiros e membros de igrejas evangélicas.*

**Pastor Carlos Melo**, Belo Horizonte, MG



# A palavra da LÍDER

ZINALDO A. SANTOS

Nascida em um lar cristão, na cidade de Curitiba, PR, aos sete anos, a irmã Evelyn Nagel mudou-se com sua família para Porto Alegre, RS, onde seus pais foram batizados na Igreja Adventista. A decisão foi tomada durante uma campanha evangelística dirigida pelo Pastor Walter Schubert. Fez os estudos fundamentais na capital gaúcha, e o segundo grau no antigo Colégio Adventista Brasileiro, hoje Instituto Adventista de Ensino, em São Paulo. Aí conheceu o então seminarista Ruy Nagel, com quem se casou quando ele cursava o 4º ano de Teologia.

Durante anos, dedicou-se aos afazeres domésticos e às atividades da igreja, ao lado do esposo. Posteriormente trabalhou na Escola Radiopostal da União Norte-Brasileira, desempenhou várias funções no Hospital Silvestre, enquanto o Pastor Nagel servia como tesoureiro nesses setores da Igreja.

Na Divisão Sul-Americana, trabalhou no setor de contabilidade e no Departamento Pessoal, além de ajudar voluntariamente no grupo de Candangolândia, DF.

Nesta entrevista, concedida via internet a *Ministério*, a nova líder da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, partilha suas idéias e dá conselhos às esposas de pastores do território da Divisão Sul-Americana.

**Ministério:** Qual o seu sentimento ao ser

nomeada para liderar as atividades da Afam na Divisão Sul-Americana?

**Evelyn Nagel:** Liderar a Afam na Divisão Sul-Americana é um grande desafio. Somente o aceitei depois de muita oração e meditação. Continuo pedindo que Deus me oriente a fim de que eu possa ser uma bênção, ajudar e animar outras senhoras. De qualquer modo, gosto de estar envolvida no trabalho de Deus.

**Ministério:** O que significa para a senhora ser esposa de pastor?

**Evelyn Nagel:** Ser esposa de pastor é uma decisão que precisa ser bem pensada antes de ser assumida; pois é um grande privilégio poder dedicar a vida exclusivamente à pregação da mensagem ou no trabalho para Deus em todos os níveis. Não digo que seja difícil, mas a tarefa envolve muitas responsabilidades. Por isso, quem estiver pensando em casar com um pastor deve orar muito e pensar no grande envolvimento que deverá ter com a Igreja.

**Ministério:** Quais são os maiores desafios que uma esposa de pastor enfrenta?

**Evelyn Nagel:** Acredito que as diversas transferências que envolvem o trabalho do pastor, formar novas amizades em cada lugar, deixar a família para viver em lugares distantes e algumas vezes remotos. Há também a expectativa de como será aceita em seu novo local de trabalho, especialmente quando vamos substituir alguém que as pessoas não gostariam que fosse substituído. Mas talvez a parte mais importante e crucial é ajudar o esposo a não perder o senso

de missão. Não importa a função que ocupe, ele nunca pode perder de vista que o principal objetivo da sua vida é a pregação do evangelho.

**Ministério:** No contexto secularista da atualidade, quais, a seu ver, são as grandes ameaças à família do pastor?

**Evelyn Nagel:** Um dos grandes problemas é a educação dos filhos. O mundo atual está muito diferente, com prerrogativas que não existiam no passado e que trazem preocupação aos pais. Como disse alguém, “o mundo envelhece piorando”. Ellen White afirmou que “a cada passo, os pais necessitam mais que sabedoria humana a fim de poderem saber educar melhor os filhos para uma vida útil e feliz aqui, e mais elevado serviço e maior alegria no além”. Através da Afam procuraremos ajudar as mães nessa grande tarefa. Outra ameaça é a financeira. O mundo cada vez mais apresenta facilidades e novidades que muitas vezes fazem com que as esposas almejem um marido rico e que lhes proporcione todas as facilidades.

**Ministério:** Sempre há referências à autoestima da mulher adventista, em literatura ou palestras dirigidas a ela. A senhora acha que essa é uma área problemática?

**Evelyn Nagel:** Particularmente acho um grande privilégio poder trabalhar para Deus; mas sei que, embora não seja generalizado, muitas esposas enfrentam o problema de baixa auto-estima. Penso que, muitas vezes, ele é gerado pela falta de preparo ou má informação sobre o papel de esposa de pastor. Algumas o as-

sociam a *status* financeiro, acabam estabelecendo comparações com outras esposas e o problema surge. Acho que para superá-lo devemos sempre lembrar que Deus está ao nosso lado, pronto para ouvir nossas queixas, diariamente. Além disso devemos procurar ocupar nosso tempo, ajudando a quem necessita, e fixar a mente em nossa missão. Sempre tenho em mente um pensamento que diz: “Não há nada que Deus e eu não possamos fazer juntos.”

**Ministério:** *Como podem a igreja local, o esposo pastor e a Igreja institucional ajudar a esposa de pastor a sentir-se afirmada, feliz e realizada em seu papel?*

**Evelyn Nagel:** O esposo deve lembrar que ele tem um lar e que este deve ser um pedacinho do Céu na Terra, onde os anjos de Deus tenham prazer em habitar. Acontece muito que o esposo tem tempo para ajudar os membros da igreja, para dar carona a um ancião para um lugar fora da sua rota, mas nunca tem um segundo para conversar com a esposa. Não tem tempo para ajudá-la no supermercado, a colocar um quadro, consertar uma torneira, etc. Isso faz com que a esposa se sinta diminuída e sem valor. A igreja local pode ajudar, não pensando que a esposa do pastor deve sempre ter todas as respostas e assumir todos os departamentos. Deve perceber que ela tem muitas ocupações, sendo o suporte do marido e que muitas vezes tem de ser responsável, quase sozinha, pela educação dos filhos. Que tal lembrar o aniversário de casamento, ou alguma data importante na vida dos dois, e fazer-lhes uma surpresa? A esposa de pastor, como todas as mulheres, é sensível e se alegra com pequenas coisas. Não são necessárias muitas coisas; mas as pequenas gentilezas dizem muito.

**Ministério:** *A senhora crê que a Igreja tem investido o suficiente no crescimento da esposa do pastor?*

**Evelyn Nagel:** Minha resposta a esta pergunta pode gerar um pouco de espanto, pois sempre foi meu pensamento que trabalhar na causa de Deus é um grande privilégio. O que recebemos por nosso trabalho é mais do que suficiente para termos uma vida confortável e tranquila. Sinto-me triste e preocupada quando vejo esposas queixando-se por não terem o auxílio financeiro que gostariam de ter para estudar, ou qualquer outro

benefício. Entristece-me, principalmente, quando tal descontentamento é comentado com os membros da igreja aos quais deveriam ajudar a confiar em Deus. Acho que, nos últimos tempos, a esposa do pastor tem sido muito lembrada e considerada. Através da Afam, suas coordenadoras têm procurado ajudar para que elas tenham todo o apoio necessário, providenciando cursos de educação contínua, palestras sobre crescimento pessoal, educação de filhos, saúde, administração do lar, finanças, e assim por diante. A Igreja tem se preocupado e empenhado em ajudar naquilo que está ao seu alcance.

**Ministério:** *Que conselhos daria a uma esposa de pastor que esteja sendo alvo de críticas?*

**Evelyn Nagel:** Em primeiro lugar, quanto menos a esposa falar e tentar justificar será muito melhor. Em segundo lugar, deverá fazer uma análise das críticas, para ver se alguma coisa precisa ser mudada ou não. Se alguma pessoa foi ofendida, deve ter a grandeza de pedir perdão; com humildade, dobrar os joelhos e buscar conselho e sabedoria de Deus. Isso é o que melhor pode ser feito.

**Ministério:** *Como a senhora avalia a participação feminina na missão da Igreja?*

**Evelyn Nagel:** A mulher adventista está muito consciente de sua importância na missão da Igreja. Ela está muito envolvida no evangelismo integrado, pregando, por todos os seus feitos, que “a esperança é Jesus”.

**Ministério:** *Pode citar alguns exemplos de realizações missionárias femininas?*

**Evelyn Nagel:** Em Manaus, AM, uma irmã estabeleceu, no ano 2000, através de seu trabalho, três novos grupos. Em janeiro deste ano, fundou mais dois novos grupos e levou 97 pessoas ao batismo. Outra irmã também levou ao batismo mais de 90 pessoas, no ano passado, e neste ano já está construindo uma igreja no local onde realizou uma série de conferências evangelísticas. Esses fatos são os mais recentes de que tenho conhecimento. A mulher adventista está muito envolvida no evangelismo integrado, através de preparação de campanhas evangelísticas, oração intercessória, trabalhos comunitários, pregações em prisões, para citar apenas algumas frentes de trabalho. Os resultados são emocionantes.

**Ministério:** *Quais as suas principais metas para a Afam?*

**Evelyn Nagel:** Tenho em mente muitos planos para ajudar as esposas em todas as suas necessidades. Já tive oportunidade de me encontrar com grupos de esposas em diferentes áreas. As necessidades são diferentes, dependendo da região onde vivem. Com a graça de Deus, quero poder ajudar em tudo o que estiver ao meu alcance. Um dos principais planos é ajudar moças que estejam se preparando para se tornar esposas de pastor. Penso que estando elas bem conscientizadas terão mais alegria em seu trabalho.

**Ministério:** *Como a senhora descreveria a esposa de pastor ideal?*

**Evelyn Nagel:** Pedi a um médico, meu amigo, para escrever sobre depressão, que é o mal dos nossos dias. E ele começou seu artigo dizendo o seguinte: “Todos esperam que você seja uma mulher maravilhosa, uma pessoa alegre, bem disposta, capaz de assumir a direção da Escola Sabatina, dos departamentos infantis, que toque o piano, seja regente do coral, diretora das Dorcas, solista, declamadora, boa contadora de história para crianças...” Bem, essa seria a esposa de pastor ideal. Mas quem tem todos esses predicados, ou melhor, quem conseguiria desempenhar todos esses trabalhos? Parece-me que só pensar na lista faz com que alguém entre em depressão. Por isso, uma esposa de pastor ideal deveria, em primeiro lugar, ser uma pessoa consagrada a Deus e a Seu trabalho; que tratasse a todos da mesma maneira, dando atenção a todos os membros de sua igreja e, principalmente, que soubesse guardar os segredos que lhe são confiados. Todas as demais situações serão resolvidas, pois todos verão que ela é uma mulher em quem podem confiar.

**Ministério:** *Que conselho final gostaria de dar à esposa do pastor, ao pastor e aos filhos?*

**Evelyn Nagel:** Primeiramente, que gastem tempo no culto familiar, pela manhã, e também gastem tempo no culto familiar de gratidão a Deus, no fim do dia. Depois, gastem tempo no estudo da Bíblia e na oração. Finalmente, gastem tempo sozinhos com Deus. Isso é desfrutar o melhor da vida. ✓



MEIBEL MELLO GUEDES

*Diretora da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, na União Sul-Brasileira*

**A**legria de viver e de usufruir as bênçãos de Deus torna a esposa de pastor uma mulher feliz, amável e gentil para com todos. Deus criou cada uma de nós com talentos, temperamentos diferentes, mas todas possuem algo com que pode contribuir na Sua causa. Há plena certeza do amor de Deus para conosco. Ele nos criou à Sua imagem, e deu o Seu próprio Filho para nos salvar. Esses pontos nos garantem um valor real e nos mostram a verdadeira herança. Somos nada mais nada menos do que filhas de um Rei.

Se aceitarmos essa grande verdade, não importa qual seja a raça, o nível de escolaridade, a situação financeira ou posição social, aprenderemos também a aceitar as pessoas e isso nos habilitará a progredir cada dia, tendo Cristo nosso Rei, como exemplo a ser imitado.

### Auto-avaliação

Como uma pessoa se vê, é um elemento importante na compreensão de seu relacionamento com outros indivíduos. Uma pessoa que não se dá valor a si mesma, tem a tendência de agir na defensiva. Ela sente tanta dificuldade em aceitar-se da maneira como é, que passa a ter dificuldades enormes para ouvir e compreender outras pessoas.

Se você se avalia de uma forma positiva, otimista e alegre, existe grande possibilidade de ter um bom relacionamento com as pessoas que vivem ao seu redor.

# Seu valor é INESTIMÁVEL

## Confiança em Deus

Todas nós temos muitos defeitos e dificuldades a vencer, mas não é por isso que vamos menosprezar a nós mesmos e viver uma vida inútil, infeliz. Precisamos nos apegar às promessas de Deus: “Lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós” (I Ped. 5:7).

Sem dúvida, você alcançará seus objetivos se entregar tudo nas mãos de Deus, pois não há limites para quem se coloque nessas condições. Dessa maneira, a mulher tem a capacidade para descobrir onde falhou e em que errou, se as coisas não aconteceram muito bem. Ela é capaz de fazer um esforço para melhorar, e, da próxima vez, ter êxito em seus empreendimentos. Em outras palavras, olha para frente e não fica lamentando o que passou.

## Apoio do esposo

É maravilhoso poder compartilhar com o esposo não somente as alegrias da vida, mas também as dificuldades. Com isso, sente-se mais amada, segura e confiante, mais otimista e feliz. É por essa razão que uma pessoa amada tem mais vida, mais calor humano e mais entusiasmo.

A auto-estima positiva imprime à mulher espontaneidade ao lidar com os sentimentos, principalmente os negativos, como a raiva, o ódio, a culpa e o remorso. Sabe moldar as circunstâncias para atingir suas metas e objetivos. Tem saúde mental, porque está em contato com a realidade. Sabe escolher, tomar decisões, governada por princípios claros e objetivos. Acredita em sua capacidade e se coloca nas mãos de Deus para servi-Lo.

Para a mulher cristã, a vida é muito importante. A cada momento ela se apodera das promessas de Deus, tendo em mente o seguinte modelo de conduta:

- Nunca mais direi “eu não posso”. Afinal, “tudo posso naquele que me fortalece” (Fil. 4:13).

- Nunca mais direi “não tenho”, pois o meu Deus, segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir todas as minhas necessidades em Cristo Jesus (Fil. 4:19).

- Nunca mais direi que tenho medo, porque Deus não nos dá um espírito de covardia, mas de poder, amor e moderação (II Tim. 1:7).

- Nunca mais direi que tenho dúvidas ou falta de fé, porque tenho a medida da fé que Deus repartiu a cada um (Rom. 12:3).

- Nunca mais direi que sou fraca, porque o Senhor é a fortaleza da minha vida (Sal. 27:1). Mas o povo que conhece seu Deus se tornará forte e ativo (Dan.11:32).

- Nunca mais direi “estou derrotada”, porque Deus em Cristo sempre me conduz em triunfo (II Cor. 2:14).

- Nunca mais direi que não tenho sabedoria, pois Jesus Cristo sempre Se torna da parte de Deus minha sabedoria (I Cor. 1:30).

- Nunca mais direi que Satanás tem supremacia em minha vida, pois maior é Aquele que está em mim do que aquele que está no mundo (I João 4:4).

- Nunca mais direi que estou preocupada e frustrada, pois estou lançando sobre Ele todas as minhas ansiedades, porque Ele tem cuidado de mim (I Ped. 5:7).

- Nunca mais direi que estou condenada, porque nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus (Rom. 8:1). ✓

# O RACIONALISMO dos liberais e conservadores



**ENRIQUE ESPINOZA**

*Ph.D., diretor do Departamento de Teologia da Universidade del Plata, Argentina*

**E**mbora sejam radicalmente diferentes em suas conclusões, a extrema direita e a extrema esquerda na Igreja mostram uma surpreendente semelhança: em sua abordagem da Bíblia, os dois lados dependem muito de um desautorizado racionalismo que leva a uma distorção das Escrituras.

O século 18, a Era do Iluminismo, mudou radicalmente o pensamento ocidental, criando uma tendência para romper com todo sistema autoritário ou absolutista. Tradições religiosas e fé foram especialmente enfraquecidas em seu curso, dando lugar à autoridade da razão.

Os critérios da pesquisa científica e histórica, não os textos antigos, tornaram-se o árbitro decisivo da verdade. Enquanto essas mudanças criavam raízes, o sobrenatural não era considerado tão real, ao mesmo tempo que as “contradições” na Bíblia eram vistas como provas de sua origem humana. Deus e a

Bíblia eram rejeitados, ou relegados a um plano inferior no interesse humano.

Antes, durante o século 17, o filósofo judeu Benedict Spinoza já usara um racionalismo dedutivo restrito para construir um sistema que poderia ser considerado alto criticismo. Spinoza limitou a verdade ao que é auto-evidente, matematicamente compreensível, porque dizia ter dificuldade com as “contradições” escriturísticas. Por exemplo, Samuel diz que Deus não Se arrepende (I Sam. 15:29), e Jeremias diz que Deus Se arrepende (Jer. 18:8-10). Por causa desses textos, Spinoza afirmava que ninguém podia dizer que a Bíblia era a Palavra de Deus. Segundo ele, “a Bíblia simplesmente contém a Palavra de Deus”.<sup>1</sup> Posteriormente, essa noção se tornaria básica para a clássica fórmula liberal.

## Liberalismo

Como resposta ao racionalismo, e mesmo à visão naturalista e atéia que começou a dominar, alguns protestantes do século 19 tentaram unir tais forças em seu próprio terreno e começaram a ver a Bíblia através da mesma ótica. Isso talvez tenha sido o início das escolas mais liberais do pensamento.

Frederick Schleiermacher é considerado o pai dessa corrente teológica. O liberalismo protestante não tentava opor-se ao racionalismo; dirigia a atenção dos “erros” na Bíblia e das “narrativas incríveis” para o mais extenso campo da ética bíblica. Se os milagres eram demasiado incríveis para a mente moderna aceitar, o liberalismo realçava a experiência religiosa que poderia ser alimentada pela descrição desses mila-

gres. Noutras palavras, o que era importante não era o milagre em si, mas a lição espiritual que ele transmitia.

Os liberais não eram muito dispostos a aceitar a veracidade factual do Dilúvio, da criação em sete dias, da concepção sobrenatural de Cristo, Sua ressurreição corporal, etc. Preferiam destacar os valores morais ou espirituais ensinados através desses “mitos”, enquanto viam os “erros” e “contradições” como prova de que a Bíblia era um livro tão humano como qualquer outro, mesmo se os valores morais e espirituais fossem pertinentes.

A abordagem liberal da Bíblia nega a historicidade dos seus milagres e a realidade factual de muitas dentre suas narrativas, especialmente aquelas relacionadas com nossa origem (Gên. 1 – 11). Em resumo, o racionalismo construído por trás da abordagem liberal leva esse movimento a rejeitar o caráter sobrenatural da Bíblia. Separa o que deve ser aceito do que não deve, estabelecendo a razão humana como o único árbitro para fazer a distinção.

## Neo-ortodoxia

No século 20, uma outra tendência teológica nasceu com o protestantismo: o chamado movimento neo-ortodoxo. Seus defensores, como Karl Barth e Emil Brunner, retornaram à Bíblia como o principal testemunho da revelação de Deus, mesmo que não pudessem eliminar as pressuposições racionalistas liberais. Assim, encontraram muita dificuldade para aceitar todas as intervenções sobrenaturais alegadas pelos autores bíblicos. A neo-ortodoxia também é caracterizada por sua

negação ou rejeição de alguns traços bíblicos sobrenaturais. Para ela, a Bíblia não é a revelação de Deus, mas um testemunho dessa revelação.

## Fundamentalismo

Simultaneamente, durante o século 20, outra tendência floresceu dentro do protestantismo. Trata-se do fundamentalismo, uma escola que lutou contra o liberalismo e a neo-ortodoxia. O fundamentalismo tenta defender as crenças fundamentais do cristianismo como apresentadas na Bíblia. Os fundamentalistas são conhecidos como conservadores (ou extrema direita), porque são interessados em conservar a fé tradicionalmente concebida pela Igreja. Obviamente, os fundamentalis-

não pode aceitar que Deus tolerou o divórcio ou a escravidão, ou que alguns escritores inspirados cometeram sérios erros.

O modo silogístico de raciocínio do “extrema direita” é o seguinte: Deus não pode errar. A Bíblia é a Palavra de Deus. Portanto, a Bíblia não tem erros. Obviamente, eles esquecem que a Bíblia apresenta um elemento humano bem como um elemento divino. Além disso, esses cristãos não podem aceitar a possibilidade de que traços humanos e características individuais dos escritores apareçam na Bíblia.

Para aceitar a Bíblia, os fundamentalistas requerem infalibilidade do instrumento humano. É como se dissessem: “Nós creemos na mensagem da Bíblia apenas se pudermos provar que os mensageiros da verdade escriturística são infalíveis e inerrantes.” Mas a Bíblia dá muitas evidências de que os mensageiros de Deus, de fato, não eram infalíveis nem inerrantes. Algumas vezes, Ele teve de corrigir seus enganos; outras vezes, o engano permaneceu, embora a mensagem básica não fosse perdida.

Um exemplo disso é encontrado no Antigo Testamento, em II Sam. 7:1-13. O conselho de Natã a Davi foi construir uma casa para o Senhor. O profeta tinha evidência de que o Senhor estava ao lado do rei (7:1 e 3). No entanto, a vontade de Deus era que o filho de Davi, Salomão, construísse o templo. Nesse caso, Deus corrigiu o engano do profeta. Podemos inferir que se for importante que o erro do profeta seja corrigido, Deus o fará.

Um exemplo do Novo Testamento é encontrado em Luc. 24:1-11. Quando as mulheres anunciaram que a promessa da ressurreição do Senhor se cumprira, os apóstolos não acreditaram na proclamação e declararam que elas estavam loucas. Imagine o que poderia ter acontecido se essa afirmação dos após-

tos permanecesse sem correção? Mas o Senhor retificou a situação. Ele prontamente apareceu a dois discípulos no caminho de Emaús e, depois, a outros que estavam reunidos (Luc. 24:13-48), para dar claro testemunho de que Ele realmente tinha ressuscitado.

## Evitando extremos

É dito com precisão que “a Bíblia, com suas verdades dadas por Deus expressas na linguagem dos homens, apresenta uma união do divino com o humano”.<sup>2</sup> “A Bíblia precisa ser dada na linguagem dos homens. Tudo quanto é humano é imperfeito.”<sup>3</sup> A mesma autora diz que céticos e infiéis “hão de... falar nas contradições da Bíblia, e pôr em dúvida a autoridade das Escrituras.”<sup>4</sup> Juntando essas declarações, podemos sugerir que os dois extremos, direita e esquerda, não podem existir no terreno bíblico.

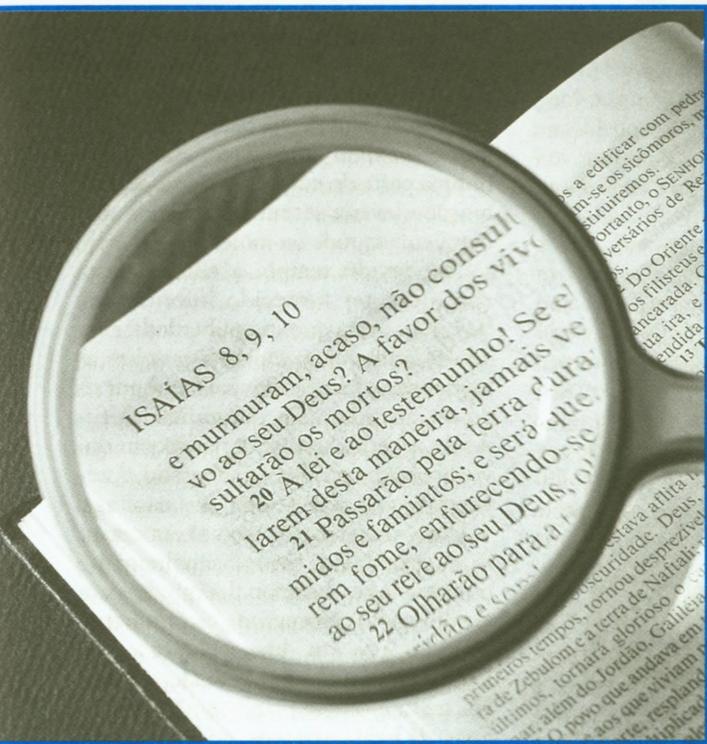
A posição mais saudável a ser tomada é a seguinte: “Tomo a Bíblia tal como ela é, como a Palavra inspirada. Creio nas declarações de uma Bíblia inteira.”<sup>5</sup>

Podemos realmente confiar na direção de Deus e na maneira como Ele nos dá a Sua palavra. Podemos confiar nos instrumentos usados por Deus, não por causa das suas características, mas por causa daquele que os escolheu e continua a usá-los.

Em tudo isso devemos permitir Deus ser Deus, ou seja deixar que Ele aja de acordo com Sua vontade e não conforme as nossas pressuposições racionalistas. Os instrumentos humanos de Deus, embora finitos e falíveis, foram dotados por Seu Espírito Santo para dar-nos Sua mensagem. A despeito das imprecisões dos enganos humanos, existe um “fundamento harmônico”<sup>6</sup> nas Escrituras que fala a cada um de nós. Se nos submetemos ao Espírito Santo, evitaremos o racionalismo extremo, seja ele de direita ou esquerda. ✓

### Referências:

1. Benedict Spinoza, *The Chief Works of Benedict de Spinoza*, trad. R. H. M. Elwes, vol. 1, *Introduction, Tractatus Theologico-politicus, Tractatus politicus* (Londres, George Bell, 1883), págs. 194 e 195.
2. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 25.
3. *Ibidem*, pág. 20
4. *Ibidem*.
5. *Ibidem*, pág. 17
6. *Ibidem*, pág. 25.



tas defendem a historicidade das narrativas bíblicas, acreditam nos milagres e outros traços sobrenaturais da Bíblia. Entretanto, eles partilham com seus adversários teológicos um elemento comum: submissão às pressuposições racionalistas. Inconsciente como essa tendência pode ser, os fundamentalistas não têm sido capazes de fugir à influência do racionalismo. Isso os tem levado a negar certas feições bíblicas que surgem com a humanidade dos próprios escritores da Bíblia.

Enquanto o liberal não aceita a verdade que Cristo multiplicou pães e peixes, por exemplo, o fundamentalista

# A SEXUALIDADE e o pastor



## ALBERTA MAZAT

*Terapeuta conjugal e familiar em Loma Linda, Estados Unidos*

**P**or muito tempo as igrejas têm negado o “selo de aprovação” sobre a sexualidade. Mesmo quando abordamos o seu papel no casamento, fazemos isso com certa relutância. Mas a Bíblia aborda o assunto abertamente, dando considerável importância à sua prática.

Neste artigo, pretendemos explorar o conceito de sexualidade no pastorado, nas seguintes pressuposições: 1) a sexualidade é um dom que Deus instituiu e

abençoou; 2) Ele tem grandes expectativas para o papel que ela desempenha em nossa vida; 3) foi designada para construir unidade e procriar no casamento; 4) tem o potencial de dar prazer; 5) fortalece a ligação entre marido e mulher.

### O pastor como pessoa

Muito antes de um homem decidir-se pelo pastorado, deverá ter formulado uma teologia e filosofia pessoal da sexualidade.

O pastor deve ter nascido em um lar onde os pais se deleitaram com a chegada do bebê e o nutriram com um relacionamento amoroso, respeitoso, afetuoso, e sábia disciplina. Sua infância deve ter

sido caracterizada por trato gentil, manifestações de carinho, diálogo, uma comunicação básica para a continuidade da interação pai-filho. Seu lar também deve ter construído um fundamento para confiança e intimidade em futuros relacionamentos. Ele deve ter aprendido, quando criança, sobre a beleza do corpo, e de como Deus deseja que lhe dispense-mos o máximo de cuidado. Assim, nenhuma parte do corpo, ou sua respectiva função, deveria ser mencionada de maneira vulgar, rude ou jocosa.

No devido tempo, a educação sexual deve ter fornecido informações, de tal maneira que, na puberdade e na adolescência, as inquietações sobre as mudanças e funções sexuais tenham sido esclarecidas com naturalidade. Tudo deve ter sido mencionado com um vocabulário próprio e acurado, preventivo contra as referências baratas e vulgares da educação sexual em curso.

A sexualidade não é simplesmente uma explosão hormonal urgindo para ser liberada cegamente, estoicamente contida, mas um desejo plantado por Deus, que deve ser sublimado até que Ele mesmo o descortine como uma das Suas dádivas especiais no casamento. Os pais do pastor deveriam manter-se vigilantes buscando evitar expressões sexuais grosseiras, anedotas de duplo sentido, programas de televisão que pintam a sexualidade com humor rasteiro ou isenta de implicações morais.

A atitude subjacente do pastor em relação à sexualidade afetará seus valores pessoais, seus sentimentos e decisões diante de situações envolvendo sexualidade pré, extra, ou pós-marital. Também influenciará suas respostas quando solicitado a aconselhar casais com problemas na vida sexual. E determinará seu grau de efetividade ao falar a grupos de jovens sobre questões ligadas ao sexo.

## O pastor como esposo

Mesmo antes do casamento, candidatos ao pastorado e suas esposas em perspectiva poderiam explorar suas idéias sobre sexualidade. Seria ótimo se ambos fossem oriundos de lares onde a sexualidade tenha sido apresentada como um dom de Deus para o casamento, e onde os pais tenham se alegrado na felicidade mútua. Lamentavelmente, alguns casais acham mais ajudador introduzir literatura pornográfica no leito conjugal, na expectativa de animar a vida sexual. Esse *voyeurismo* é mais rejeitado pela esposa, que, entre outras coisas, o vê como um reflexo de sua própria limitação.

Contudo, a pornografia, jamais deve tornar-se repertório do casal cristão, muito menos na experiência daqueles que vivem para representar o esplendor de Cristo diante da Sua Igreja.

## O casal pastoral

Sem a completa segurança de que cada um está comprometido com o bem-estar mútuo, não pode haver completa doação de si mesmo no casamento. Ninguém pode arriscar expor os mais íntimos aspectos da personalidade se teme ser rejeitado ou explorado. Experimentar e partilhar da mais profunda fonte do amor de alguém somente é significativo se for um ato restrito à toda vida, limitado apenas a duas pessoas.

Conhecer a intimidade física também é importante. Quando um casal compreende que a expressão sexual é processo de crescimento, querará aprender todos os aspectos – físico, emocional e espiritual – da sexualidade. Isso pode ajudar a liberar algumas inibições e criar um desejo de gratidão a Deus pela dádiva dessa magnífica experiência.

Mas a intimidade sexual não é apenas expressão física. Se não incluir uma proximidade que envolve emoções, intelecto e espírito, não pode ser verdadeiramente chamada de intimidade. Quando dois amantes penetram mutuamente os limites da vida, partilhando experiências, idéias, valores, alvos, alegrias e tristezas, estão dividindo em um nível único do relacionamento conjugal, um espaço fechado a qualquer outro indivíduo, inexistente em qualquer outra união. Esse ideal é um processo que dura a vida inteira e nunca deveria ser dado como concluído.

Pastorear é uma atividade absorven-

te, consumidora de tempo e emoções. É vital estabelecer prioridades e manter o equilíbrio, de modo que o trabalho não ocupe o tempo que deve ser empregado em nutrir o relacionamento conjugal-sexual. Reuniões de comissões, atendimento às igrejas, construções, evangelismo, visitação, são importantes. Mas quando interferem no tempo do casal, a agenda de compromissos deve ser reestudada.

## O pastor como pai

Provavelmente nenhuma outra situação desperte o pastor para o magnífico poder da sexualidade como quando ele tem nas mãos o filho recém-nascido. Bem perto do coração dessa criança estará o coração do pai, pulsando com emoção, orgulho, e determinação para enfrentar o desafio da paternidade. Essa criança dependerá dos pais para adquirir todo o significado da sexualidade e para estabelecer a base que, em grande maneira, determinará seu modelo na vida adulta.

A cada criança deveria ser contada a bela história da vida por seus pais, providenciando assim os antecedentes para a construção da infância e da adolescência. Quando os pais falam aos filhos a respeito da sexualidade, há menos experimentação sexual por parte deles. Usualmente os pais são menos envolvidos na educação sexual que as mães. Não deveria ser assim. Educação é um processo que envolve pai e mãe, cada um falando a seu tempo, separadamente, ou com a família reunida.

É importante proteger nossos filhos de buscar respostas para as questões sexuais fora dos pais. Indivíduos com más intenções se encontram em toda parte, ansiosos para ocupar as brechas. Ademais, necessitamos dar a nossos filhos informações que sejam apropriadas a seu grau de maturidade. Eles necessitam saber exatamente que caminho devem seguir quando abordados por toques ou diálogos impróprios, quer venham de estranhos, amigos ou membros da família.

## O pastor como educador

O pastor tem muitas maneiras pelas quais pode abordar a questão da sexualidade; sermões, ensino e aconselhamento. As famílias necessitam ouvir mensagens contrapostas à exposição da sexualidade segundo a cultura vigente e a mídia secular. Podemos fazer mais do que orar ocasionalmente dos púlpitos,

pedindo a Deus que nos dê pureza moral, vitória sobre as tentações que solapam a felicidade familiar, cura para as lembranças dolorosas e pela restauração do belo plano original de Deus para a família.

A Igreja provê numerosos programas, cursos, seminários e materiais dedicados à família. Capelães das escolas podem trabalhar com os professores, a fim de implementar meios através dos quais as crianças sejam ensinadas sobre as habilidades de relacionamento.

Além disso, cursos de aconselhamento pré-conjugal e enriquecimento matrimonial podem ser apresentadas a casais em vários estágios, inclusive os velhos. Diante das taxas de divórcio e as muitas histórias de “casos” que levam à separação e à infelicidade de muitas famílias, devemos fazer mais para ajudar a fortalecer e enriquecer nossos lares.

Um pastor qualificado geralmente dispõe de muitos recursos espirituais para ajudar a pessoas que lutam com problemas de egoísmo, perda da alegria, pensamentos imorais, impaciência, ira, etc. Se, todavia, ele não tem o treinamento requerido, precisa ser orientado nessa direção.

## O exemplo de Cristo

O trabalho do pastor com seus membros inclui não apenas aconselhamento, mas também visitação, treinamento e reuniões de planejamento. Cada pastor freqüentemente entrará em contato com pessoas do sexo oposto que são atrativas e cativantes. Se a disposição do pastor, algumas vezes, revela desencorajamento com o progresso da igreja, preocupação com a vida conjugal pessoal, ou com sua reputação entre os membros da igreja, cresce o potencial para distúrbios. É sua responsabilidade focalizar e manter a linha divisória entre as preocupações pessoais e as da congregação.

Um cuidadoso estudo do ministério de Cristo será ajudador. Seu trabalho para o Pai estava sempre diante dEle. Possuía dignidade incomum. Jamais ministrou em Seu próprio benefício, mas sempre colocou os interesses eternos das pessoas como prioridade.

Possa Ele realmente estar presente em cada parte do nosso ministério, particularmente a parte que trata de algo tão potencialmente maravilhoso (ou destrutivo) como a sexualidade. ✓

# Planeje sua igreja para o **SUCESSO**



## MARCOS DE BENEDICTO

*Editor da Casa Publicadora Brasileira*

**A**s pessoas às vezes seguem “líderes” cegos e medíocres, mas em geral elas cooperam com líderes que têm grandes sonhos e sabem aonde querem chegar. O que motiva a maioria de nós não é a necessidade,

mas a visão. Isso vale também no nível corporativo. Uma igreja com um propósito definido tem mais chances de obter êxito do que outra sem nenhum objetivo.

A finalidade deste artigo é incentivar os pastores a formular declarações de propósitos, valores, missão e visão para suas igrejas, incorporando-as em seu ministério, e dar algumas sugestões de como fazê-lo.

Antes de apresentar cada um desses conceitos, vale ressaltar que eles expressam coisas diferentes. O Dr. Aubrey Malphurs, professor no Seminário de Dallas e consultor de igrejas, diz que esses vocábulos técnicos são “parentes”, mas não sinônimos. Os propósitos têm a ver com a teologia, ao passo que os valores estão relacionados com a filosofia do ministério; tanto a visão quanto a missão lidam com “o que”, mas a visão é mais “gráfica” (quadro 1).

## Propósitos

“As melhores organizações são dirigidas por um propósito”, escreveu Leith Anderson. “Elas sabem *por que* existem.”<sup>2</sup> Se uma igreja não conhece o porquê de sua existência, ela não tem o direito de convidar o povo a fazer parte dela. O sucesso da Igreja Adventista se deve, em boa parte, ao senso de sua missão profética.

Segundo Rick Warren, fundador e pastor da bem-sucedida Igreja Comunitária de Saddleback Valley, em Orange County, Califórnia, a igreja tem cinco propósitos, os quais são resumidos no quadro 2.

Infelizmente, muitas igrejas não são dirigidas por um conjunto de propósitos. Por isso, sofrem um desequilíbrio em sua ação. Warren diz que, historicamente, as igrejas têm assumido cinco formatos básicos (quadro 3), depen-

Tipo de declaração	O que ela responde	Sua orientação
Propósitos	Por que a igreja existe?	Orientados pela <b>teologia</b> – Qual é a razão de ser da igreja?
Valores	Por que fazemos o que fazemos?	Orientados pela <b>filosofia</b> – O que molda a nossa cultura congregacional?
Missão	Qual é o ministério da igreja?	Orientada por <b>objetivos</b> – Com o que o nosso plano se parece?
Visão	O que a igreja deve alcançar no ministério?	Orientada pelos <b>sonhos</b> – O que visualizamos em nossa mente como sendo a visão estabelecida para nós?

Quadro 1: Conceitos ligados ao planejamento do ministério da igreja<sup>1</sup>

Propósito	Ação (palavra-chave)	Resultado (palavra-chave)
1. Amar a Deus com todo o coração	Adoração	Magnificação
2. Amar ao próximo como a nós mesmos	Ministério	Serviço
3. Ir e fazer discípulos	Evangelismo	Missão
4. Batizar os discípulos em potencial	Companheirismo	“Membresia”
5. Ensinar os discípulos a obedecer	Discipulado	Maturidade

Quadro 2: Os cinco propósitos básicos da igreja<sup>3</sup>

dendo do propósito que seus líderes mais enfatizam: (1) ganhar almas, (2) experiência com Deus, (3) reunião de família, (4) classe bíblica, (5) consciência social. Os membros de cada uma delas consideram o seu modelo o mais espiritual, mas a verdade é que todos os cinco são importantes. É preciso combinar todos os enfoques, para se obter equilíbrio.<sup>4</sup> É o que a Igreja com Propósitos faz.

Para definir os propósitos básicos de sua igreja, você deve reunir os membros e estudar o assunto junto com eles. Nesse processo, examinem o que a Bíblia diz sobre o assunto,<sup>6</sup> ponham no papel as suas descobertas e sumariem tudo em uma sentença – cuidando para que essa declaração seja bíblica, específica, transferível e mensurável.<sup>7</sup>

## Valores

De forma consciente ou inconsciente, cada organização tem valores, e expressar tais valores através de declarações simples, claras, criativas e poderosas é um fator significativo para melhorar seu desempenho.

Os valores são declarações de crença e de compromisso por parte da organização, formando a filosofia do ministério. Eles devem ser bíblicos, apaixonantes e constantes, mas não devem ser confundidos com a visão, estratégias, princípios ou credos doutrinários.

Os valores são importantes, segundo Malphurs, porque: (1) determinam o diferencial do ministério; (2) promovem o envolvimento pessoal; (3) comunicam o que é importante; (4) envolvem mudanças positivas; (5) influenciam o comportamento geral; (6) inspiram as

pessoas à ação; (7) aumentam a credibilidade da liderança; (8) moldam o caráter e a visão do ministério; (9) contribuem para o sucesso do ministério; e (11) afetam a ética da organização.<sup>8</sup>

O autor propõe um pequeno teste para detectar um bom valor:

- É bíblico?
- Inspira paixão?
- É partilhado?
- É constante?
- Pode ser expresso de forma clara?
- É coerente com outros valores?
- Pode ser implementado?<sup>9</sup>

Você pode redigir a lista de valores de sua igreja de várias formas. Algumas igrejas começam cada declaração com as palavras “Nós valorizamos...”, e então citam uma ou duas passagens bíblicas para validá-la. Outras preferem “Nós estamos comprometidos com...”. E ainda outras adotam a forma “Nós cremos que...” Os valores podem variar entre cinco e 15 itens, e ter de uma linha a um pequeno parágrafo cada um.

Por exemplo, a lista de valores da *Jerusalem Church*, em Jerusalém, diz:

1. Nós valorizamos o ensino expositivo (Atos 2:42 e 43).
2. Nós valorizamos o relacionamento (Atos 2:43).
3. Nós valorizamos a oração (Atos 2:42).
4. Nós valorizamos a comunidade bíblica (Atos 2:44-46).
5. Nós valorizamos o louvor e a adoração (Atos 2:47).
6. Nós valorizamos o evangelismo (Atos 2:47).

O credo da famosa *Willow Creek Community Church*, perto de Chicago, reza:

1. Nós cremos que o ensino ungido

é o catalisador para a transformação da vida dos indivíduos na igreja.

2. Nós cremos que as pessoas perdidas importam para Deus, e portanto deviam importar para a igreja.

3. Nós cremos que a igreja deve ser culturalmente relevante enquanto permanece doutrinariamente pura.

4. Nós cremos que os seguidores de Cristo devem manifestar autenticidade e anseio por crescimento contínuo.

5. Nós cremos que a igreja deve atuar como uma comunidade unida de servos administrando seus dons espirituais.

6. Nós cremos que os relacionamentos amoráveis devem permear cada aspecto da vida da igreja.

7. Nós cremos que a mudança de vida acontece melhor em pequenos grupos.

8. Nós cremos que a excelência honra a Deus e inspira o povo.

9. Nós cremos que as igrejas devem ser lideradas por pessoas com o dom de liderança.

10. Nós cremos que a dedicação plena a Cristo e à Sua causa é normal para cada cristão.

Conhecendo os valores de sua igreja, ficará mais fácil guiar a congregação no caminho em que ela sabe que deve andar.

## Missão

A declaração de missão é uma descrição geral do plano de ação da igreja, ou seja, do tipo de ministério que ela desenvolverá. Ela não muda de ano para ano.

Há várias vantagens em se preparar uma declaração de missão. Ela: (1) unifica a igreja e lhe dá direção; (2) motiva os membros; (3) incentiva a respon-

sabilidade e a prestação de contas; (4) elimina a falsa culpa; (5) dá segurança de que a igreja está fazendo a vontade de Deus.<sup>10</sup>

Uma boa declaração de missão leva em conta a teologia bíblica, o escopo geográfico da igreja, seu público-alvo, suas atividades principais e os resultados esperados.<sup>11</sup>

Como preparar uma declaração de missão?

- Explique para a igreja o que é uma declaração de missão.
- Divida a igreja em pequenos grupos e colete sugestões.
- Prepare um questionário. Pergunte o que a sua igreja tem de único e qual é o seu propósito na comunidade. Descubra que programas atuais os membros apreciam e quais gostariam de mudar.
- Forme uma equipe (comissão de planejamento) para trabalhar com as informações recolhidas.
- Redija uma declaração sucinta de missão e um relatório mais amplo com as metas de trabalho.
- Vote a declaração e os planos, oficializando-os.

Ao preparar a declaração de missão, pense nos alvos da igreja. De que tipo são eles? O quadro 4 mostra algumas

diferenças entre alvos típicos de quem deseja apenas sobreviver e de quem tem uma missão a cumprir.

Note dois exemplos de declaração de missão:

**Exemplo 1:** “Transformar pessoas sem religião em seguidores totalmente dedicados” (*Willow Creek Community Church*).

**Exemplo 2:** “Partilhar as boas notícias da salvação com a comunidade de... [nome do lugar], ajudando a cumprir a ordem de Jesus para fazer discípulos em todas as nações.”

Dê um caráter bíblico à declaração de missão, mas não deixe de dar-lhe também um toque “adventista”, no sentido de contemplar aspectos valorizados pela Igreja Adventista, como o estilo de vida saudável e a restauração da imagem de Deus no ser humano.

## Visão

A visão é um componente básico de qualquer empreendimento humano. Se isso vale para as organizações seculares, muito mais para a igreja. “Onde não há visão, o povo perece”, afirma Salomão (Prov. 29:18, KJV). A visão capacita a pessoa a voar da mediocridade para a excelência. Como disse Frank Gaines,

“somente quem vê o invisível pode fazer o impossível”.<sup>13</sup>

A visão é importante porque estabelece prioridades e mantém o foco. Ela diz por que algo deve ser feito. Atrai as pessoas e mostra que a instituição ou o líder sabe aonde quer chegar. A Igreja Adventista tem a sua declaração de visão mundial, mas você deve adaptá-la à sua realidade local.

O que é visão, no contexto da igreja? George Barna oferece uma definição útil: “A visão para o ministério é uma imagem mental clara de um futuro desejado, a qual é dada por Deus a Seus servos e baseada em uma compreensão correta de Deus, de nós mesmos e das circunstâncias.”<sup>14</sup>

A visão não é uma simples previsão, nem deveria ser confundida com a missão. Enquanto a missão é uma declaração geral dos objetivos do ministério, a visão é uma declaração específica da direção e da unicidade daquele ministério; ao passo que a declaração de missão é filosófica em sua natureza e tem como objetivo informar, a declaração de visão é estratégica em caráter e visa inspirar.<sup>15</sup>

Se o alvo final da visão cristã é glorificar a Deus, seu objetivo imediato é dar uma razão para a ação e ajudar o pastor e os membros a situar seu ponto

Paradigma	Foco Primário	Papel do Pastor	Papel dos Membros	Alvo Primário	Termo Chave	Valor Central	Ferramentas Utilizadas	Fonte de Legitimidade
<b>Agência de Ganhar Almas</b>	Evangelismo	Evangelista	Testemunhas	Comunidade	Salvar	Decisões para Cristo	Visitação e apelos	Número de batizados
<b>Experiência com Deus</b>	Adoração	Líder de Adoração	Adoradores	Multidão (povo)	Sentir	Experiência Pessoal	Música e oração	“O Espírito”
<b>Reunião de Família</b>	Companheirismo	Capelão	Membros da Família	Congregação	Pertencer	Lealdade e Tradição	Salão social e almoços em conjunto	Nossa herança
<b>Classe Bíblica</b>	Edificação	Instrutor	Estudantes	Os comprometidos	Saber	Conhecimento bíblico	Lições e cursos	Ensino verso por verso
<b>Consciência Social</b>	Ministério	Reformador	Ativistas	A comissão	Cuidar	Justiça e misericórdia	Pedidos e cartazes	Número de necessidades atendidas
<b>Igreja com Propósitos</b>	Equilibra todos os cinco	Capacitador	Ministros	Todos os cinco	Ser e fazer	Caráter de Cristo	Processo de desenvolvimento da vida	Vidas transformadas

Quadro 3: Igrejas que focalizam apenas um propósito e igreja com múltiplos propósitos<sup>5</sup>

## Alvos de sobrevivência

Focaliza o que não tem sido feito  
Produz soluções tóxicas  
Baseado no passado  
Baseado na dúvida  
Identifica problemas  
Tende a diminuir a auto-estima da congregação  
Exige baixo grau de fé  
Não requer um sonho  
Prioriza sobrevivência e problemas  
Resiste a novos programas e ministérios  
Tende a envolver só os antigos membros  
Vê as pessoas como meio  
Perpetua o *status quo*  
Focaliza as necessidades da instituição

## Alvos de missão

Focaliza o que pode ser feito  
Produz soluções inovadoras  
Baseado no futuro  
Baseado no sonho  
Identifica potencial  
Tende a elevar a auto-estima da congregação  
Exige alto grau de fé  
Requer um sonho  
Prioriza saúde e crescimento  
Valoriza novos programas e ministérios  
Tende a envolver antigos e novos membros  
Vê as pessoas como fim  
Encoraja inovações e crescimento  
Focaliza as necessidades das pessoas

### Quadro 4: Contrastes entre alvos de sobrevivência e alvos de missão, na igreja<sup>12</sup>

de chegada. Malphurs afirma: “Uma visão dá direção ao ministério. Ela responde à pergunta: ‘Aonde este ministério está indo?’ Ela põe o futuro em foco tanto para o líder quanto para os participantes da organização.”<sup>16</sup>

Quais são as qualidades de uma boa visão?

- A visão efetiva é inspiradora.
- Nasce de um sonho e é alimentada por ele.
- Diz claramente qual é o sonho.
- É realística e adaptada às circunstâncias.
- Apresenta a excelência e desafia o grupo a alcançá-la.
- É estável na essência (centro) e flexível no circunstancial (periférico).
- Aponta para as possibilidades, e não para os problemas.
- Prepara para o futuro, honrando o passado.

A fim de escrever uma declaração de visão relevante e representativa, você deve seguir alguns passos:

- Crie uma equipe para discutir o assunto e dar sugestões.
- Analise as sugestões de sua equipe e dos membros.
- Relacione as sugestões deles com a sua própria visão.
- Escreva uma breve declaração de visão.
- Crie um desenho ou logotipo que capte a essência da visão e a simbolize.
- Crie um *slogan* de cinco a dez palavras que sintetize a visão.

Na medida do possível, envolva os membros no processo, mas não deixe que o “excesso” de democracia paralise o trabalho. Em conexão com a declaração de visão da igreja, você pode criar sua própria declaração de visão para o seu ministério. Se você já possui uma,

leve-a em consideração ao escrever a visão da igreja.

Veja estes dois exemplos de declaração de visão (o segundo é de uma instituição):

**Exemplo 2:** “Apresentar a Cristo de maneira atual, criativa, relevante e amorosa para todas as pessoas, no ambiente em que elas vivem, de modo que possam desenvolver seu pleno potencial.”

**Exemplo 3:** “Ser, pela graça de Deus, uma instituição reconhecida por sua ética e [a] excelência de seus produtos e serviços, e ampliar a participação no mercado editorial, buscando a satisfação do cliente” (Casa Publicadora Brasileira).

Pois bem, declaração escrita, você precisa partilhar a visão com a igreja. De que maneira?

- Primeiro, venda a visão para seus colaboradores mais próximos.
- Prepare o povo mentalmente para o anúncio da visão.
- Discuta as alternativas da igreja e mostre qual é o sonho de Deus para a sua comunidade.
- Apresente a visão aos membros. Use um ou dois cultos para apresentá-la. Faça de modo gráfico, claro, preciso, apaixonado, relevante.
- Inicie o trabalho de transformar o sonho em realidade.
- Mantenha sempre a visão diante dos membros. Segundo o “Princípio de Neemias” (Neem. 4:6-15), formulado por Warren, a visão deve ser reafirmada a cada 26 dias para manter a igreja motivada e na direção certa.<sup>17</sup> Use exemplos pessoais, símbolos, *slogans*,<sup>18</sup> músicas (*jingles*), histórias, heróis, personagens, contatos pessoais, encontros, vídeos, boletins, cartões, chaveiros, adesivos...
- Avalie o que está sendo feito.

• Anuncie as vitórias.

• Como sonhador, mantenha o sonho vivo.

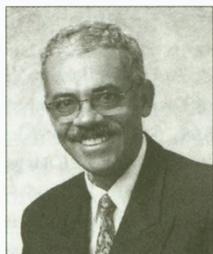
Às vezes, as igrejas e os líderes visionários perturbam o *status quo*, mas eles são necessários. Os pioneiros adventistas eram visionários. Sem grandes sonhos, não há grandes conquistas. ✓

### Referências

1. Adaptado de Aubrey Malphurs, “Sharpening the Focus of Your Vision”, *Ministry Advantage*, vol. 5, núm. 6 (julho/agosto de 1994).
2. Leith Anderson, *Dying for Change* (Minneapolis: Bethany, 1990), 111.
3. Rick Warren, *The Purpose Driven Church* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995), 103-107. “A igreja existe para edificar, encorajar, exaltar, equipar e evangelizar”, diz o autor (p. 106). Este inspirador livro de Warren foi lançado em português pela Editora Vida com o título de *Uma Igreja com Propósitos*.
4. *Ibid.*, 122-125.
5. *Ibid.*, 125.
6. Consulte textos sobre a missão da igreja, como Mateus 16:15-19; 28:18-20; Atos 1:8; 2:41-47; 9:15; 26:15-23; Romanos 12:1-8; Efésios 2:19-22; I Pedro 2:9 e 10.
7. Veja Warren, 100-101.
8. Confira Aubrey Malphurs, *Values-Driven Leadership* (Grand Rapids, MI: Baker, 1996), 13-30.
9. *Ibid.*, 72.
10. Russell Burrill, *syllabus* para “CHMN615 – Evangelism and Church Growth”, Andrews University, outono de 1999, 130.
11. *Ibid.*
12. *Ibid.*, 132.
13. Citado por Frank S. Mead, editor e compilador, *The Encyclopedia of Religious Quotations* (Old Tappan, NJ: Revell, 1965), 465.
14. George Barna, *The Power of Vision* (Ventura, CA: Regal, 1992), 28.
15. *Ibid.*, 37.
16. Aubrey Malphurs, *Developing a Vision for Ministry in the 21st Century* (Grand Rapids, MI: Baker, 1992), 19 e 20.
17. Warren, 111.
18. Os *slogans* – como “Cada membro um ministro”, “Todos os líderes são aprendizes” e “Salvar os perdidos a qualquer custo” – são poderosos.

# REVITALIZANDO

## o culto de oração



**ZINALDO A. SANTOS**

*Editor de Ministério*

**A** freqüência aos cultos de sábado não representa grande preocupação aos pastores. As pessoas vão normalmente à Escola Sabatina e ao culto.

As programações evangelísticas de domingo à noite já são um desafio maior. Não tanto, porém, como os cultos de oração às quartas-feiras. Na maioria das congregações eles são dignos de pena: pouquíssimas pessoas, mensagens insípidas, lamentos, falta de música atrativa, etc.

### Uma nova proposta

A igreja de Vila Dr. Laurindo, em Tatuí, SP, não era diferente das demais quanto ao problema em discussão. Mas resolveu reagir.

Em junho do ano passado, o ancião responsável pela programação do mês idealizou um culto mais participativo. O modelo posto em prática não tinha nada que não possa ser feito em qualquer lugar: mantinha os hinos, a apresentação de agradecimentos e pedidos espe-

ciais de oração e os momentos de oração. O período dedicado ao sermoneite, entretanto, passou a ser ocupado por um testemunho apresentado por uma família. Vale lembrar que a família indicada ficava responsável por toda a programação. Todos os seus membros compunham o espaço da plataforma de culto. Se houvessem cantores ou instrumentistas, eles participavam com muito gosto. Pais e filhos, jovens, crianças e adultos eram envolvidos na programação.

A reação foi altamente positiva. Entre as vantagens, foi possível verificar: um aumento da freqüência, a inspiração que outros ouvintes confessavam ter recebido, ao se identificarem com os mesmos problemas e a possível solução; fortalecimento da fraternidade (algumas pessoas diziam-se felizes por poderem conhecer melhor outros irmãos a quem consideravam um tanto distantes delas).

### Evolução

Os meses seguintes revelaram que o projeto anterior foi apenas o embrião de um sistema que continua até hoje, com bons resultados. O Ministério da Mulher tomou nas mãos a responsabilidade pelos cultos de quarta-feira na referida igreja e uma nova programação foi implantada.

O esboço dessa programação inclui os seguintes itens:

- Boas-vindas
- Hino
- Oração
- Oração respondida. Curto relato da experiência de uma oração respondida, por uma pessoa escolhida previamente.

Algumas experiências realmente causam impacto nos ouvintes.

- *Apresentação de pedidos de oração.* Todos os presentes recebem, à entrada, um pequeno formulário no qual escrevem seu pedido. No momento indicado, são convidados a colocarem-no em um altar montado na plataforma. Enquanto levam seus pedidos, todos cantam um hino sobre oração.

- *Oração intercessória pelos pedidos.* Uma pessoa já convidada antecipadamente faz essa oração. Toda a congregação deve ajoelhar-se.

- *Mensagem musical*

- *Oração intercessória pelas famílias.*

Algumas famílias recebem uma cartinha, no sábado, avisando que serão alvo especial das orações, na próxima quarta-feira e devem estar presentes ao culto. No momento adequado, são convidadas à irem até a plataforma. Uma pessoa já escolhida, as apresenta e faz a oração em seu favor. O grupo se ajoelha para a oração, enquanto os demais permanecem sentados, reverentes. Algumas variações foram experimentadas, como por exemplo, oração em favor dos membros de uma unidade da Escola Sabatina, ou em favor das crianças da igreja. O procedimento é sempre o mesmo. No caso das crianças, a oportunidade é aproveitada para explicar o significado da oração. Pode-se também estabelecer um dia de oração pelas visitas, ou pelos vizinhos da igreja.

- *Sermoneite.* O pregador fica livre para escolher seu tema. Espera-se, no entanto, que este seja adequado para a ocasião.

- *Hino*

- *Oração*

- *Cântico responsivo*

O modelo funcionou de tal maneira que, desde o mês de agosto até o momento, continua sendo executado. Ainda não há uma freqüência de 100% dos membros, mas é inegável que o índice aumentou consideravelmente em relação ao que acontecia antes.

De qualquer forma, a idéia pode ajudar em outros lugares. Afinal, como pregadores e líderes, antes de esbravejar com os membros e condená-los ao fogo do inferno porque não aparecem nos cultos, talvez devamos nos preocupar em lhes oferecer algo mais atraente do que o que costumeiramente se vê. ✓

# João e a TRANSFIGURAÇÃO de Cristo



Divulgação

## JOSÉ CARLOS RAMOS

*D.Min., coordenador do programa de pós-graduação do Salt-IAE*

**E**studantes do quarto evangelho indagam por que a transfiguração de Jesus, um fato tão relevante em Seu ministério que os evangelistas sinópticos, em comum, registraram, é ignorada por João em sua narrativa, algo que surpreende, porque o escritor estava lá quando o Salvador foi glorificado (Mat. 17:1 e 2). Seria o caso que, passados mais de 60 anos, ao ser esse evangelho escrito, a recordação de tão admirável evento já se tivesse apagado na mente do idoso apóstolo? Isso é pouco provável, pois a transfiguração foi um milagre suficientemente assombroso para causar uma indelével impressão naqueles que a presenciaram.<sup>1</sup>

Acredito que João, ao escrever sua obra, não ignorou a transfiguração, mas desdobrou-a, acentuando, todavia, que a glória de Jesus pôde ser percebida apenas pela fé. Na verdade, os três anos e meio do ministério de Cristo se desenvolveram num plano de “transfiguração”, até que finalmente a glorificação de Jesus aconteceu, não sem que lampejos dela se manifestassem previamente.

João oferece alguns indícios desse plano ao estabelecer alguns paralelos da transfiguração, conforme exposta pelos sinópticos. Eles podem ser detectados aqui e ali em toda a narrativa, com especial menção do capítulo cinco. Aí Jesus reivindica perante os judeus a natureza de Sua pessoa, obras e Seu relacionamento com o Pai.

### Manifestação da glória

O palco da transfiguração foi um “alto monte” (Mar. 9:2). Ali ocorreu a manifestação da glória de Jesus a três dos discípulos. O primeiro evangelista registra que “o Seu rosto resplandecia como o sol, e as Suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mat. 17:2). Por sua vez, o quarto evangelista declara que “o Verbo Se fez carne... e vimos a Sua glória” (Jo. 1:14), uma categórica afirmação, segundo alguns, evocativa do evento, uma vez que João era um daqueles três.

Mas não podemos esquecer que, segundo esse evangelho, a glorificação de Jesus ocorreu paradoxalmente na cruz.

“Pai, é chegada a hora; glorifica a Teu Filho” (Jo. 17:1), orou Ele, ao Se aproximar o momento crucial. Ao transformar a água em vinho nas bodas de Caná da Galiléia, Jesus, assegura-nos o evangelista, “manifestou a Sua glória e os Seus discípulos creram nEle” (2:11). Os milagres são identificados como sinais que apontam para algo transcendente, isto é, para o milagre maior da salvação que Ele garante com o Seu sacrifício. São, portanto, sinais da Sua glória, cuja manifestação maior e final se verifica na cruz, e que ocorrem como reivindicação não simplesmente de Seu poder, mas antes de tudo de Sua condição de Filho de Deus e Salvador do mundo. Nesse sentido, Cristo manifesta Sua glória em todo o Seu ministério, através de “transfigurações” menores que preconizam a maior a se verificar no final.

Podemos, portanto, assumir que o que ocorreu no primeiro milagre repetiu-se nos demais relatados pelo evangelista, pois cada um deles visualiza os efeitos salvíficos do Calvário e antecipa, em escala ascendente, a manifestação culminante da glória de Jesus. Assim, o ministério de Jesus em João se desenvolve de transfiguração em transfiguração, rumo à final e culminante, ou mais exatamente ainda, todo o Seu ministério é uma grande transfiguração, marcada por lances progressivos da manifestação de Sua glória.

Isso é o que precisamente transparece em João 5, ao Ele curar o paralítico

junto ao tanque de Betesda. A manifestação aqui, todavia, pôde ser atestada apenas pelos discípulos, a exemplo do que já ocorrera nas bodas de Caná, e do que ocorrerá nos outros sinais, inclusive no maior ao final, não importando o grau de notoriedade crescente a cada sinal. Ver ou não ver a glória de Jesus é uma questão de fé, não de mera tomada de conhecimento do que se passa. Através do sinal culminante, Seu sacrifício no qual os sete anteriores estão incorporados, serão todos atraídos a Ele (12:32), isto é, testemunharão o fato, mas poucos verão Sua glória. Igualmente, segundo os sinópticos, apenas discípulos puderam ver a transfiguração.

Da mesma forma que os milagres em João são, não um fim em si mesmos, mas um tipo de previsão do sinal maior a ocorrer na cruz, igualmente a transfiguração ocorreu não por uma mera exibição da glória de Jesus, mas para atestar Sua autenticidade messiânica e confirmar que Ele caminharia para o Calvário, conforme previram os profetas. Lucas registra que o teor da conversa de Cristo com Moisés e Elias tinha a ver com a morte que O aguardava em Jerusalém (Luc. 9:31).<sup>2</sup>

Deve-se notar que o evento do Calvário passa a ocupar lugar preponderante na narrativa sinóptica apenas a partir de certa altura do ministério de Jesus. Sua primeira previsão da cruz foi feita aos discípulos em seguida à confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe, depois de passada pelo menos metade<sup>3</sup> do ministério de Jesus.<sup>4</sup> Conforme o primeiro evangelista, é a partir desse tempo que “começou Jesus a mostrar a Seus discípulos que Lhe era necessário subir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia.” (Mat. 16:21). Seis dias depois ocorreu a transfiguração para confirmar a previsão da cruz e fortalecer a fé nos discípulos.

Em contraste com os sinópticos, o ministério de Jesus, segundo João, se desenvolveu, todo ele, à sombra da cruz. É precisamente o que se espera, se é válido que o escritor elabora esse ministério como um desdobramento da transfiguração, cujo tema é a cruz. O testemunho de João Batista, “eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo. 1:29 e 36), clara alusão ao sacrifício que O esperava, foi o ponto de partida desse mi-

nistério, pois aí os primeiros discípulos passaram a segui-Lo (v. 37). Em seguida, Jesus operou o milagre nas bodas de Caná (2:1-12), um prenúncio da cruz,<sup>5</sup> e purificou o templo, quando ligou esse ato à Sua morte e ressurreição (v. 19-22). No diálogo com Nicodemos a seguir (cap. 3), Jesus falou de ser “levantado” para que a vida eterna estivesse ao alcance do crente (v. 14). E assim por diante; a cruz se faz presente em cada lance do ministério, como tema dominante no evangelho.

### Moisés, Elias e Deus

A transfiguração é geralmente tomada como uma representação do segundo advento, quando Cristo Se manifestará com majestade e glória. De fato, Pedro, um dos que testemunharam a transfiguração, a ela se referiu nesses termos (II Ped. 1:16 e 17). Dentro desse significado, Moisés e Elias, vultos da antiga dispensação e que apareceram também glorificados ao lado de Jesus, representam apropriadamente os dois grupos de salvos quando Jesus voltar – respectivamente os que ressuscitarão e os que serão trasladados sem ver a morte. Esse é o sentido prospectivo da transfiguração.

Notemos, todavia, que essa aplicação não exaure o sentido do evento. O próprio Pedro diz que a transfiguração confirmou “a palavra profética” (v. 19). De que forma? Pouco tempo antes, Jesus havia anunciado aos discípulos o que esperava por Ele em Jerusalém: aprisionamento, julgamento, condenação e morte na cruz, sucedida pela ressurreição no terceiro dia (Luc. 9:22), tudo para cumprir o que as profecias previam (cf. 18:31-33; 22:22). Isso foi um tremendo choque para os discípulos que, compartilhando dos conceitos messiânicos populares da época, supunham que realmente Cristo subiria a Jerusalém, não para ser pregado na cruz, mas para se assentar no trono de Davi. Na ocasião, Pedro falou pelos demais e foi devidamente repreendido por Jesus (Mat. 16:22 e 23).

A transfiguração foi um ato misericordioso de Jesus no intento de fazê-los compreender a verdade e prepará-los para a difícil hora. Ela deveria levá-los a perceber que entendiam mal as profecias e desconheciam o propósito divino. A presença de Moisés e Elias conversando com Jesus acerca de Sua morte em Jerusalém era providencial para

esse propósito. Esses glorificados vultos estavam ali como representantes das duas grandes divisões do Antigo Testamento como adotado pelos judeus: a Lei e os profetas.<sup>6</sup> Eles representavam todos aqueles que haviam sido instrumentos de Deus na comunicação de Sua mensagem antes que Jesus viesse. Esse segundo significado da transfiguração pode ser chamado de sentido retrospectivo.

No que respeita ao sentido prospectivo, Moisés, quanto se saiba, era, até o evento da transfiguração, o único vulto do Antigo Testamento que havia morrido e ressuscitado para não mais morrer (Jud. 9); portanto, era o único que poderia estar presente ali para representar os salvos ressurretos na volta de Jesus. Porém, quanto a Elias, representando os salvos vivos naquele dia, não foi o único trasladado sem ver a morte. Enoque passou pela mesma experiência e poderia igualmente representar o grupo. A presença não de Enoque, mas de Elias no monte, deve ser explicada no contexto do sentido retrospectivo da transfiguração. Ao contrário de Elias, Enoque não poderia representar a segunda grande divisão do Antigo Testamento.

Por fim, Deus fez ouvir Sua própria voz em claro e direto testemunho acerca de Seu Filho. Isso aconteceu, a glória da transfiguração se esvaiu, e Jesus Se viu a sós com os discípulos. Sua missão no mundo deveria continuar e ser levada a bom termo.

Resumindo, três testemunharam acerca de Jesus na transfiguração: Moisés, Elias e Deus. Esse tríplice testemunho foi dado em meio à glória de Jesus ali manifestada. A revelação divina se fez ouvir, e mais que isso, o próprio Deus falou. Ele já havia falado no batismo, quando “o Céu se abriu” (Luc. 3:21). Agora não apenas Deus falara, mas o próprio Céu descera no monte.

### Em João

O sentido prospectivo da transfiguração se faz presente apenas de passagem no quarto evangelho, pois o escritor enfatiza mais a escatologia realizada que a consumada. Todavia, é digno de nota que, depois do apóstolo Paulo, é deste evangelho que se infere mais precisamente que haverá dois grupos de salvos no segundo advento: os que não morrerão e os que ressuscitarão. As palavras de Jesus a Marta, no con-

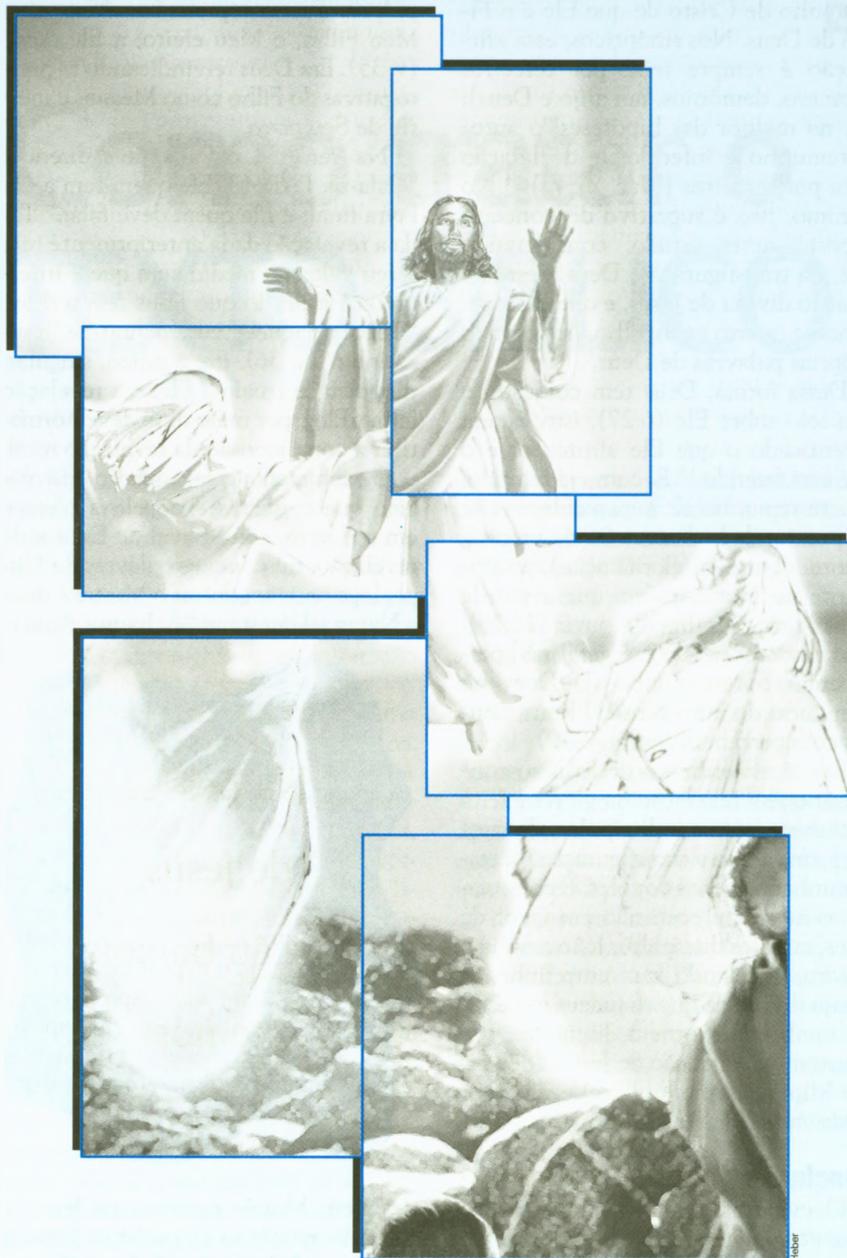
texto do “último dia”, deixa transparecer esse fato: “Eu sou a ressurreição. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em Mim jamais morrerá” (Jo. 11:25 e 26, *Bíblia de Jerusalém*).<sup>7</sup>

Quanto ao sentido retrospectivo, observa-se em João um crescendo da manifestação da glória de Jesus conforme o Seu ministério avança rumo ao momento culminante, o Calvário, quando esta manifestação também alcança o apogeu. Daquele ministério, Moisés deu testemunho (Jo. 5:46), e também Elias, aqui como João Batista (v. 33), o último profeta da antiga dispensação, considerado o Elias que haveria de vir e assim referido por Jesus no próprio contexto da transfiguração (Mat. 17:9-13; 11:13 e 14).<sup>8</sup>

Nesse duplo testemunho se configura o testemunho da Lei e dos profetas, identificados como “Escrituras” (Jo. 5:39). E desde que a transfiguração se amplia em todo o corpo do evangelho, observamos que o testemunho de Moisés e Elias estão presentes desde o primeiro capítulo. São dezenas de referências a todo o Antigo Testamento, explícitas e implícitas, com as quais o escritor substanciou sua narrativa.

E da mesma maneira que a glória de Jesus pode ser detectada em todo o seu ministério, igualmente a voz de Deus, dando testemunho de Seu Filho, não se faz ouvir apenas no batismo e na transfiguração, como nos informam os sinópticos. Para aquele que crê, o testemunho divino soa nas próprias obras que Jesus realiza e na própria mensagem que anuncia; e a voz de Deus soará literalmente no momento final (Jo. 12:28). Com o testemunho do Pai, o testemunho da revelação ganha, naturalmente, o devido reconhecimento, tal como ocorre na transfiguração. Isso explicaria porque João não registra as palavras de Deus em relação a Jesus ao ser Este batizado, e tampouco a própria transfiguração, quando mais uma vez Ele falou em favor do Filho. Da mesma forma, em João o Céu não se abriu só no momento do batismo,<sup>9</sup> e desceu à Terra só no momento da transfiguração. O Céu continua aberto em todo o ministério de Cristo (Jo. 1:10 e 51) e baixou até nós na pessoa de Jesus.

Em Seu discurso aos judeus em João 5, Jesus deixa claro que Deus “tem dado testemunho” a Seu respeito (v. 37).



A forma verbal aqui é *memartyrek n*, perfeito passado de *martyre* = testemunhar, que indica uma ação que começou no passado, avança até o presente, e, à luz da flexão do presente usada duas vezes antes (v. 32),<sup>10</sup> deve prosseguir. Comentaristas em geral admitem que aqui se faz referência à maneira como Deus conduziu as coisas nos tempos do Antigo Testamento, “preparando o caminho para a vinda do Filho”.<sup>11</sup> Outros, mais escassamente, admitem uma alusão ao testemunho audível de Deus ao ser Jesus batizado (Mat. 3:17; Mar. 1:11; Luc. 3:22). No entanto, as formas verbais

empregadas em referência ao testemunho divino nos versos 32 e 37, mais a reprimenda de Jesus no final do verso 37,<sup>12</sup> descartam essas hipóteses.

O testemunho ocorre, de fato, em todo o transcurso do ministério de Jesus, devendo ser observado na maneira como esse ministério se desenrola, isto é, mediante a realização das obras do Pai (5:20 e 36; 9:4; 10:25, 37 e 38; 14:10 e 11),<sup>13</sup> mencionadas no contexto do testemunho que Ele dá em favor do Filho (5:36), e mediante a proclamação de Sua Palavra (3:34; 8:28, 38, 40, 47; 12:49 e 50; 14:10, 24; 17:8 e 14). É curioso que apenas o

evangelho de João registre o autotestemunho de Cristo de que Ele é o Filho de Deus. Nos sinópticos, essa afirmação é sempre feita por terceiros (homens, demônios, um anjo e Deus); ou, na melhor das hipóteses, o autotestemunho é inferido de declaração feita por terceiros (Mat. 27:43).<sup>14</sup> No mínimo, isso é sugestivo do conceito exposto neste estudo, considerando que, na transfiguração, Deus atestou a filiação divina de Jesus, e que Este, segundo o quarto evangelho, declarou as próprias palavras de Deus.

Dessa forma, Deus tem colocado o Seu selo sobre Ele (6:27), isto é, tem autenticado o que Ele afirma ser e o que está fazendo.<sup>15</sup> E, como já referido, esse testemunho alcança a culminação na proximidade da cruz (onde precisamente ocorre a glorificação), exatamente no momento em que a voz de Deus se faz literalmente ouvir (12:28). Mas como os judeus em geral não perceberam o testemunho de Deus no transcurso do ministério de Jesus, também o percebem agora (v. 29).

Essa é a mensagem de João ao consignar que a revelação da glória é feita exclusivamente aos discípulos, da mesma forma como a transfiguração foi testemunhada apenas por eles. É como esse evento aconteceu não em favor de Jesus, mas dos discípulos, João amplia o quadro, revelando nas entrelinhas o desejo divino de que os judeus incrédulos também se tornem discípulos, por registrar a declaração de Jesus: “não foi por Mim que veio esta voz, e, sim, por vossa causa” (v. 30).

### Conclusão

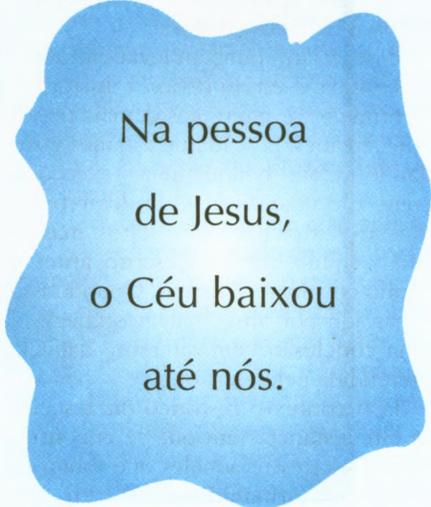
O evento da transfiguração realça uma profunda verdade sobre Jesus. Ele é o conteúdo básico de toda a revelação dada, sua razão de ser e o propósito final. É também o fator que determina o significado da revelação feita em qualquer tempo e lugar.

Os discípulos foram tardios em compreender essa verdade. Ali Pedro falou outra vez por si e pelos demais, e novamente falou uma impropriedade: “Mestre, bom é estarmos aqui; então façamos três tendas [o que lembra o tabernáculo<sup>16</sup> no deserto]: uma será Tua, outra de Moisés e outra de Elias.” Ele fez essa sugestão “não sabendo o que dizia” (Luc. 9:33). Estava colocando Jesus no mesmo nível dos profetas anteriores, ou da revelação dada anteriormente, e

isso não podia ser feito. Desta vez o próprio Pai o repreendeu: “Este é o Meu Filho, o Meu eleito; a Ele ouvi” (v. 35). Era Deus reivindicando as prerrogativas do Filho como Messias e mestre de Seu povo.

Na verdade, o Pai estava dizendo: “Cala-te, Pedro! É Ele quem tem a palavra final; é Ele quem deve falar.” Toda a revelação dada anteriormente tem o seu valor na medida em que é interpretada à luz do que Jesus tem a dizer. “Depois daquela voz, achou-Se Jesus sozinho” (v. 36). Ele é único, singular; ninguém se iguala a Ele, e a revelação feita nEle e por meio dEle deve normatizar a compreensão da revelação total.

É exatamente esse o quadro cristológico que o quarto evangelista oferece em seu livro, com o aval de Deus e da revelação, tal como as palavras de Filipe, logo após encontrar o Mestre e ditas a Natanael, atestam: “Achamos Aquele



de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas, Jesus, o Nazareno, Filho de José” (Jo. 1:45).

Cristo é a revelação encarnada, o próprio Deus enviado na qualidade de profeta. Antes do intento humano de que “três tendas” fossem feitas na transfiguração, “o Verbo Se fez carne” e levantou o Seu tabernáculo<sup>17</sup> “entre nós, e vimos a Sua glória” (Jo. 1:14). Em João, o tabernáculo não se levantou apenas por um momento, não importa quão glorioso tenha sido esse momento. Ele se estabeleceu com o mistério da encarnação, e permanece de pé, em todo o tempo em que Jesus é um conosco. Cumpre à fé penetrar até o íntimo do Santíssimo e contemplar o *shekinah*. ✓

### Referências:

1. O igualmente idoso Pedro faz uma referência à transfiguração em seus escritos (Ped. 1:16-18).
2. A palavra empregada por Lucas, e traduzida “morte” em nossas Bíblias, é *éksodos*, “êxodo”, rememorativa da libertação de Israel no Egito. O grande ato salvífico de Deus no Antigo Testamento, talvez o maior de todos, é uma figura da verdadeira libertação que ocorre em virtude do sacrifício de Jesus. Aquele ato foi dependente deste sacrifício.
3. Alguns entendem que o incidente de Cesaréia de Filipe aconteceu quando mais ou menos 2/3 do ministério de Jesus haviam passado.
4. E verdade que Lucas registra uma alusão à cruz na apresentação de Jesus no templo poucos dias depois de Seu nascimento. O idoso Simeão O pegou nos braços e, abençoando os pais do menino, previu que uma espada traspassaria a alma de Maria (Luc. 2:34). Isso, sem dúvida, se cumpriu quando a mãe de Jesus testemunhou Sua crucifissão (Jo. 19:25). A profecia de Simeão, entretanto, é mencionada apenas como um incidente histórico, e não estabelece um tema desenvolvido pelo evangelista desde o princípio.
5. Este prenúncio pode ser detectado nas palavras de Jesus a Maria: “Ainda não é chegada a Minha hora” (Jo. 2:4). A “hora” de Jesus, no evangelho de João, ocorre na cruz.
6. Uma terceira divisão, os *Escritos*, ficava geralmente subentendida na fórmula *Lei e profetas*. Outras vezes, a palavra *Lei*, exclusivamente, indicava qualquer parte do Antigo Testamento (Jo. 10:34); I Cor. 14:21).
7. É feita clara referência à ressurreição final em 5:28 e 29.
8. João Batista deve ser considerado o último profeta da antiga dispensação (Luc. 16:16; Mat. 11:13). Sua mensagem é, basicamente, a mesma apresentada pelos profetas anteriores. Ele igualmente anunciou Aquele que haveria de vir (Mat. 3:11; Mar. 1:7; Luc. 3:16; João. 1:26, 27 e 30; Atos 19:4). Todavia, segundo Jesus, “entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que” Ele (Mat. 11:11). A superioridade de João Batista em relação aqueles que o antecederam é devida ao fato de ter ele sido o precursor e alcançado os dias messiânicos, contemplando assim o cumprimento substancial da profecia vetero-testamentária. E ainda mais por ter-lhe sido dado o privilégio de batizar o Prometido e introduzir o Seu ministério apresentando-O a Israel e ao mundo (Mat. 3:13-17; João 1:29-37). Realmente Ele era o esperado Elias.
9. Ver nota 15.
10. Respectivamente *martyr n*, participio presente, e *martyre*, presente do indicativo. “Indicam que o testemunho é um fato presente, e que continua.” (Leon Morris, *The Gospel According to John*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979; pág. 325.
11. *Ibid.*, pág. 329.
12. A forma verbal antecedida por “jamais” e vertida “tendes ouvido”, na última parte do verso 37, é *ak kóate*, perfeito de *akouí* = ouvir. Indica uma ação negativa continuada, que é o que ocorre da parte dos judeus, principalmente os líderes do povo, em todo o transcurso do ministério de Jesus. Insistiam em não reconhecer o testemunho de Deus a favor de Seu Filho.
13. Por exemplo, a ressurreição de Lázaro é um atestado divino de que Jesus é o enviado de Deus (11:42).
14. Marcos 1:1 registra o testemunho do próprio Marcos.
15. Com isto, o contraste entre o quarto evangelho e os sinópticos é intensificado. Segundo estes, o Céu se abriu no momento do batismo de Jesus (Mat. 3:16; Mar. 1:10; Luc. 3:21), o que resultou na descida do Espírito Santo em forma de pomba e no ressoar da voz de Deus. Mas, como já mencionado, o Céu, segundo João, permanece aberto em todo o ministério de Cristo, durante o qual Deus fala e age, e maravilhas acontecem (João 1:50 e 51).
16. “Tendas”, em Luc. 9:33, é a tradução da forma plural de *sk n*, tabernáculo.
17. O verbo habitar em João 1:14 é *sk nó*, literalmente “levantar um tabernáculo”. Observe que essa é a forma verbal do substantivo usado nos sinópticos para indicar o que Pedro sugeriu que fosse levantado quando do evento da transfiguração.

# Como tratar o TEXTO BÍBLICO



Divulgação

## EMILSON DOS REIS

*Professor no Seminário Adventista  
Latino-americano de Teologia,  
Engenheiro Coelho, SP*

**H**á, basicamente, três maneiras pelas quais se pode analisar os textos bíblicos: interpretando, reinterprestando e aplicando.

O objetivo de se interpretar um texto é descobrir o que ele significava para quem o escreveu, isto é, o que o escritor original tinha em mente na ocasião. Para que a interpretação seja correta, é necessário que o intérprete utilize as ferramentas adequadas e siga determinadas regras. Entre as ferramentas destacamos o texto na língua original e dicionários e gramáticas referentes a essa língua. Quando isso não é possível, precisamos de algumas boas traduções, dicionários, comentários e enciclopédias da Bíblia.

### Regras de interpretação

As regras são aquelas fornecidas pela hermenêutica, as quais passamos a considerar. Nas Escrituras há muitos estilos literários, cada qual com suas peculiaridades que devem ser respeitadas pelo intérprete. Ali encontramos, entre ou-

tros, prosa, poesia, história, profecia, apocalíptico, parábola, alegoria e provérbio. Assim, para entendermos a mensagem, precisamos determinar o tipo de literatura que está sendo utilizado pelo escritor e, então, analisar o texto fazendo uso das regras de interpretação próprias daquela categoria.

É necessário também levar em conta os contextos escriturístico e histórico. O primeiro se refere aos demais textos que cercam a porção que estamos estudando. Com pouquíssimas exceções, como é o caso da maioria dos provérbios, os textos não estão soltos, mas ligados àquilo que está escrito antes e àquilo que aparece depois. Quando isso é passado por alto, podemos chegar a uma conclusão bem diferente daquela pretendida pelo escritor.

Já o contexto histórico diz respeito às circunstâncias em que se encontravam o escritor e aqueles que foram os primeiros destinatários do escrito. Devemos buscar respostas para as seguintes perguntas: Quem escreveu? Quando? Onde? Para quem? Por que? Especialmente no caso dos livros do Antigo Testamento, às vezes é possível conhecer também a condição política, econômica, social e religiosa de Israel na época em que o livro foi escrito, bem como a situação política internacional, que amide tinham seus reflexos na vida espiritual do povo de Deus.

Quando procedemos dessa maneira, dizemos que foi feita uma exegese do texto.

### Reinterpretação

Uma situação interessante acontece apenas com alguns textos, que geralmente são proféticos. Via de regra, a primeira preocupação de um profeta era

profetizar para os seus dias, para os seus contemporâneos. É verdade que há algumas exceções, como é o caso de certas porções do livro de Daniel, quando o profeta está profetizando diretamente para um futuro distante, de modo que sua mensagem não tem relevância para a época em que está vivendo (Dan. 12).

Mas também acontece que alguns textos possuem mais de um significado. Assim, uma determinada passagem pode ser importante para os contemporâneos do profeta e, ao mesmo tempo, para uma outra geração que viverá num longínquo futuro. O próprio profeta pode saber ou não que sua mensagem possui outro significado além daquele imediato; contudo, o Espírito de Deus, que está por trás do mensageiro humano, determinou que Suas palavras tivessem um *sensus plenior*, isto é, um sentido maior e mais completo do que aquele que inicialmente aparentavam (Henry Virkler, *Hermenêutica*, pág. 17).

Para diferenciarmos interpretação de reinterpretação, vamos analisar o que se encontra em Oséias 11:1, onde lemos: "Quando Israel era menino, Eu o amei; e do Egito chamei o Meu filho". O contexto mostra claramente que Deus está falando do povo de Israel, a quem considerava como filho. Nesse verso e nos seguintes, o Senhor está relembrando as muitas demonstrações de amor e terno cuidado que Ele manifestara para com Seus filhos, desde que os tirara da escravidão do Egito através de Moisés.

Como um pai amoroso trata o seu filho ainda menino, Deus amara Israel desde o início. Ele o havia tomado em Seus braços, ensinara-lhe a andar e deira-lhe de comer. Contudo, Israel se desviara do Senhor, vez após vez, firmando-se na idolatria e recusando se con-

verter. Como não desse ouvidos ao convite de Deus, Este retiraria Sua proteção e a nação seria levada em cativo para a Assíria. Portanto, para Oséias, o filho é Israel e o chamado do Egito é aquele que Deus fez por meio de Moisés e que resultou no Êxodo. Essa é, em resumo, a interpretação do texto.

Contudo, aproximadamente oito séculos mais tarde, outro escritor inspirado, Mateus, em seu evangelho (2:15), após contar a fuga de José, Maria e o menino Jesus, para o Egito a fim de escaparem da matança em Belém, cita parte do mesmo versículo de Oséias e diz que foi cumprido quando Jesus voltou do Egito com Seus pais. Assim, de acordo com Mateus, o filho é Jesus, e o chamado do Egito ocorreu no início da era cristã, quando “o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel...” (2:19 e 20).

Ora, antes de Mateus fazer essa declaração, jamais poderia alguém, estudando o livro do profeta Oséias, chegar a tal conclusão. A interpretação não o permite. Mateus tirou a citação do seu contexto e a utilizou em outro completamente diverso. Ocorre que, quando o Espírito Santo levou Oséias a anotar as palavras “do Egito chamei a Meu filho”, já havia planejado que elas se referissem em primeiro lugar ao povo de Israel, quando do Êxodo, e, em segundo lugar, a Jesus, quando Seus pais retornassem com Ele para o território de Israel. Portanto, o que Mateus fez foi correto, porque ele estava escrevendo sob a inspiração do Espírito de Deus.

Assim sendo, em nosso estudo da Bíblia, podemos encontrar algum texto que foi citado posteriormente por outro escritor inspirado, que o retirou de seu contexto original e lhe deu um novo significado. Nesse caso, dizemos que o texto foi reinterpretado e buscamos descobrir esse novo significado. Convém notar que uma interpretação do texto original não revelará o significado maior e mais completo. A única maneira segura de sabermos isso ocorre quando outro escritor inspirado posterior assim o declara.

É necessário ressaltar que ninguém tem o direito de reinterpretar um texto a seu bel-prazer. Um texto só pode ser reinterpretado por alguém que seja inspirado por Deus, como é o caso dos profetas. O que podemos fazer é descobrir se algum

personagem inspirado posterior reinterpretou a passagem bíblica que estamos analisando. Acrescentamos ainda que a grande maioria dos textos bíblicos não possui qualquer reinterpretação.

### Aplicação

No caso da aplicação, o estudioso da Bíblia quer descobrir a lição espiritual que o texto possui para o tempo presente.

Podemos ilustrar fazendo uma aplicação do próprio capítulo 11 de Oséias. Que proveito espiritual teriam para nós os seus primeiros versículos? Ali vemos a maneira como Deus trata o pecador. Ele age conosco como um pai amoroso, suprimindo as nossas necessidades e cuidando de nós. Ele é paciente conosco e não desanima facilmente, apesar de nossos pecados. Está pronto a perdoar e ajudar. Contudo, se recusarmos Seu amor, receberemos o amargo resultado de nossa infeliz escolha.

Salientamos que se não houver uma reinterpretação antes da aplicação, ou se a interpretação for errada, corre-se o risco de se fazer uma aplicação que não condiz com a verdade. Uma exposição bíblica onde exista apenas interpretação (sem aplicação) não pode ser chamada de sermão. Trata-se apenas de um comentário bíblico falado. Para ser um sermão, é necessário haver aplicação.

Lembramos ainda que existem textos em que a interpretação e a aplicação coincidem. Geralmente são aqueles que tratam de princípios morais. Como exemplo, citamos Luc. 12:15; Tia. 1:21 e 22; Heb. 12:14.

### Os escritos de Ellen White

Quando usamos os comentários que Ellen White fez sobre o texto bíblico que estamos estudando, devemos nos certificar de qual ângulo ela o está analisando. Está interpretando? Está reinterpretando? Ou simplesmente aplicando?

Algumas vezes, seu comentário parece abranger quase tudo o que pode ser dito sobre uma determinada porção da Bíblia. É o que acontece num capítulo do livro *Testemunhos Seletos*, vol. 2, que se inicia na página 170, sob o título “Josué e o anjo”, e que comenta a profecia de Zacarias 3. Nesse capítulo, ela inicia interpretando, mostrando o significado da referida profecia para os contemporâneos do profeta Zacarias, no ano 520 a.C., que haviam retornado do exílio

babilônico e estavam reconstruindo suas cidades e o templo. Depois passa à aplicação, explicando como Satanás procura hoje nos desanimar e como Cristo defende aqueles que nEle crêem. Finalmente reinterpreta o texto, demonstrando como a profecia se refere “com força particular à experiência do povo de Deus” no tempo de angústia que ocorrerá imediatamente antes da volta de Cristo.

Quando a Sra. White interpreta um texto bíblico, ela o faz com fidelidade. Mas em muitos de seus escritos, ela está simplesmente aplicando, extraindo lições espirituais das passagens bíblicas. Nesses casos, estudando com afinco na busca de interpretação, podemos ter um maior entendimento desses textos.

Devemos também considerar que algumas vezes ela não está nem interpretando nem aplicando o texto, mas sim, reinterpretando-o; dando-lhe um significado diferente daquele pretendido pelo escritor original. Uma vez que ela possuía o dom profético, sua atitude é perfeitamente correta e deve ser aceita por nós. Lembremos, porém, que nesse caso, também há outro significado no texto, que ela não está levando em conta no momento.

Na verdade, há textos bíblicos sobre os quais a Sra. White nunca fez qualquer comentário. Há alguns que ela apenas interpretou. Há outros que foram somente reinterpretados. E existem aqueles dos quais ela unicamente extraiu lições práticas para a vida. Baseados nisso, somos levados a concluir que embora seu comentário sobre qualquer texto seja sempre verdadeiro, pode não abranger toda a verdade ali inserida e, nesse caso, não seria a palavra final sobre a dita passagem, porque mediante o estudo, de outro ângulo, poderíamos ter um maior entendimento.

Nunca nos esqueçamos de que, referindo-se aos seus escritos, ela própria declarou que “não devem os Testemunhos substituir a Palavra” (*Evangelismo*, pág. 256). Portanto, o fato de sermos altamente privilegiados em possuir os escritos de Ellen White não deve servir de pretexto para nos contentarmos com o que ela nos legou, e nos acomodarmos, deixando de pesquisar com maior dedicação as páginas da Bíblia. E isso é especialmente verdade para aqueles que têm a missão de pastorear o rebanho de Cristo. ✓

# Educação para o EVANGELISMO



Divulgação

## EMÍLIO DUTRA ABDALA

*Professor de Evangelismo Público  
no Salt-Iaene, Cachoeira, BA*

Uma das mais importantes extensões dos esforços evangelísticos é a obra de educação em evangelismo. Não compreender o alvo central da educação teológica para o ministério pode ser uma tragédia no treinamento ministerial. Da experiência de três grandes evangelistas do século 19, e a extensão do seu ministério através do treinamento ministerial nas escolas por eles iniciadas, podemos tirar importantes lições para hoje.

### Charles Finney (1791-1875)

Entre os anos 1857 e 1858, mais de cem mil pessoas foram ganhas para Cristo, pelo trabalho direto e indireto de Finney.<sup>2</sup> Em Boston, 50 mil fizeram compromisso de fé em apenas uma semana.<sup>3</sup>

Muitos dos seus conversos estavam desejosos de ingressar no ministério, e ele percebeu a necessidade de treinamento. Mas, por se recusar a submeter-se à influência da educação teológica tradicional do seu tempo, com profunda convicção, abandonou seu pastora-

do em Nova York e aceitou o chamado para lecionar teologia em Oberlin.<sup>4</sup> Seu alvo principal era treinar um exército de evangelistas e, para isso, insistia em que o treinamento ministerial deveria abranger o ensino de teologia. Os alunos eram enviados a ministrar nas igrejas vizinhas e a conduzir pregações evangelísticas onde fossem solicitados.

Outra força da metodologia de Finney era o relacionamento de alunos com professores. Sua afinidade com o corpo discente era calorosa e pessoal. A vida espiritual e devocional dos alunos era motivo de preocupação de seus professores, que os visitavam nos quartos para conversação religiosa e oração.<sup>5</sup>

### Charles H. Spurgeon (1834-1892)

Enquanto Finney colhia grandes resultados de seu trabalho nos Estados Unidos, outro gigante do evangelismo, Charles Spurgeon, causava impacto na Inglaterra. Quando faleceu, sua congregação no *Metropolitan Tabernacle*, em Londres, era a maior congregação independente do mundo.<sup>6</sup>

Autodidata, acabou sendo um dos homens mais instruídos do seu tempo.<sup>7</sup> Sua filosofia de treinamento pastoral diferia dos demais seminários, e resolveu estabelecer um novo padrão: educação para evangelismo. Para ele, os seminários que deixavam os homens em dúvida acerca da inspiração e autoridade das Escrituras eram inúteis. Observou que, em muitas escolas, os estudantes não eram preparados para o ministério prático. Aprendiam tudo, exceto o que deveriam aprender – a arte de ganhar almas.<sup>8</sup>

O processo começou em 1856, quando um jovem converso chamado Medhurst começou a frequentar cada semana a casa de Spurgeon para rece-

ber várias horas de instrução teológica. Em 1857, surgiu outro estudante. Pouco tempo depois, já eram oito, 20, e, finalmente, 100 alunos, que recebiam um curso de dois anos no que chegou a ser conhecido como *Pastor's College*.<sup>9</sup> Mais tarde, Spurgeon declarou: “esta é a obra da minha vida, à qual creio Deus me chamou e que preciso realizar. Pregar o evangelho e treinar outros a fazê-lo é o alvo e o objetivo da minha vida.”<sup>10</sup>

Desde o início do desígnio do *Pastor's College* era “treinar evangelistas, e não formar eruditos”.<sup>11</sup> Por outro lado, “para serem pregadores eficazes, devem ser teólogos autênticos”,<sup>12</sup> repetia Spurgeon aos alunos. Tendo em vista esse objetivo, além das aulas teóricas, os estudantes participavam de cruzadas evangelísticas, visitações de casa em casa, pregação e colportagem.<sup>13</sup>

### Dwight L. Moody (1837-1899)

A principal figura do evangelismo urbano foi Dwight Moody. O Dr. A. T. Pierson estima que Moody tenha falado a aproximadamente 100 milhões de pessoas em todo o seu ministério.<sup>14</sup> Conclamando as pessoas ao arrependimento e à aceitação de Cristo como Salvador, sua mensagem tocava a alma das massas urbanas.<sup>15</sup> Sua teologia era simplista e limitada. Mas o elemento comum era a paixão pelas almas. Quanto mais avançava a sua obra evangelística, mais ele percebia a necessidade de treinar outros para o trabalho. Como Spurgeon, Moody teve pouca educação formal; porém, muitos o consideravam um dos homens mais educados de seu país.<sup>16</sup> Ellen White o classifica como homem de grande talento.<sup>17</sup>

Dedicado à carreira evangelística, Moody convenceu-se de que a única esperança para um despertar religioso nacional estava numa multiplicação de obreiros cristãos que pudessem levar o fogo do avivamento às suas comunidades. “É melhor colocar dez homens no trabalho do que trabalhar por dez homens”, dizia.<sup>18</sup>

Foi na primavera de 1879 que ele lançou a pedra fundamental do prédio de aulas do *Northfield Seminary*, para moças, em Chicago. Moody adaptou alguns cômodos de sua própria casa e a aula inaugural foi dada na sala de jantar, em 3 de novembro de 1879, para 25 alunas. Logo, ele fundou o *Mount Hermon School*, para moços, e deu o passo mais importante ao estabelecer uma escola orientada para o evangelismo urbano, o *Chicago Institute*, hoje *Moody Bible Institute*.<sup>19</sup>

A Bíblia era o fundamento do currículo escolar. Além de aulas teóricas, ele insistia no treinamento prático pa-

forço evangelístico sem possuir conhecimento de teologia poderá ser desastroso para o cristianismo.<sup>21</sup>

Segundo Finney já detectara, “há um grande defeito na educação de ministros. A educação deve ser tal que prepare os jovens para o trabalho específico ao qual eles estão destinados... eles dirigem a mente em assuntos irrelevantes... e assim os estudantes tornam-se frios em religião”.<sup>22</sup>

Era por causa disso que Spurgeon divergia do ensino convencional predominante, combatendo o que denominou “idolatria do intelecto”. Em sua época, havia exagerado destaque ao prestígio acadêmico e à respeitabilidade cultural. Muitos demonstravam ganância por alcançar diplomas universitários em prejuízo da verdadeira finalidade ministerial.

### Na Igreja Adventista

A primeira escola financiada pelos adventistas abriu suas portas em Battle

tudos e orientação para serviços comunitários. Esse modelo foi adotado por outras escolas adventistas em todo o mundo. Da Austrália, em 1904, a Sra. White advertia contra certas “escolas mundanas” e seus programas educacionais.<sup>24</sup> Recomendava que o trabalho missionário deveria ser a mais elevada disciplina. “Se a escola de Avondale tornar-se um dia o que o Senhor está procurando que seja, o esforço missionário dos professores e estudantes dará fruto. Tanto na escola como fora, súditos bem dispostos serão levados à obediência a Deus”,<sup>25</sup> disse ela.

Enquanto isso, seguindo o modelo de Avondale, E. A. Shutherland e Percy Magan estabeleceram, nos Estados Unidos, escolas tais como o *Washington Missionary College*, e o *Emmanuel Missionary College*, atual Universidade Andrews. Em 1939, o seminário da Andrews incluiu a matéria de evangelismo público em seu currículo, designando o evangelista J. L.



ra o ministério. Alunos eram designados regularmente a lugares onde poderiam desenvolver suas habilidades. Assim, os estudantes eram engajados no evangelismo pessoal, distribuição de literatura, testemunhos em hospitais, prisões e na rua.<sup>20</sup>

### Teologia e evangelismo

De acordo com esses exemplos e com sua natureza e propósito, os conceitos de evangelismo e teologia devem se apoiar mutuamente. Empreender es-

Creek, em 1872. Doze alunos assistiam às aulas ministradas por Goodloe Bell. Em 1874, essa escola tornou-se o *Battle Creek College*, tendo como diretor Sidney Brownsberger. Seguindo o modelo de então, os estudantes gastavam de quatro a seis anos no estudo de grego e latim, para obter o grau de bacharelado.<sup>23</sup>

Em 1893, Ellen White foi para a Austrália, onde pôde influenciar o desenvolvimento da Escola de Avondale para obreiros cristãos, com ênfase no espiritual, no programa de trabalho/es-

Schuler como professor e coordenador das cruzadas com a participação de estudantes.<sup>26</sup>

Assim, como bem coloca George Knight, há um paralelo entre a explosão no número de missões adventistas em todas as partes do mundo e o reavivamento da educação. A abertura do primeiro colégio em Battle Creek e o envio dos primeiros missionários aconteceram em 1874.<sup>27</sup> E isso não foi coincidência. O propósito do colégio de Battle Creek era treinar para o serviço

missionário nos Estados Unidos e nos campos estrangeiros. A grande motivação da educação residia na missão. Inquietações sobre como escapar do darwinismo e do ceticismo eram insignificantes. A escola não deveria ser apenas um refúgio para a juventude, mas um centro de evangelismo dinâmico, para enviar milhares de vozes ao mundo.

O modelo bíblico de educação teológica encontra-se nas escolas dos profetas, organizadas por Samuel. E um dos seus propósitos era servir como uma barreira contra a corrupção do mundo e proteção para a juventude. Esse era, no entanto, um propósito secundário. Sua primeira obra era produzir um ministério profético. De lá saíram grandes escritores como Oséias, Jeremias, Isaías, e grandes profetas como Daniel. Os que se graduavam nessas escolas eram chamados “filhos de profetas”; porém, a maioria deles nunca se tornou conhecida.

### Classe evangelística

Tal visão evangelística depende largamente do compromisso pessoal e dedicação dos professores. Como expressou Roy A. Anderson, a menos que o fogo do evangelismo arda no altar do coração de cada professor, não acenderá a mesma chama no coração dos estudantes.<sup>28</sup>

“Deus está interessado em cada matéria que ensinamos. Ele é o Autor da ciência. Ele percorre o Universo em precisão matemática. Ele habita em meio à harmonia da música e das artes. E Ele está interessado em nossa história e em nossos cursos de línguas, pois toda história é Sua história, enquanto as línguas são um eco articulado da voz que chamou o Universo à existência.”<sup>29</sup> Deus está tão interessado na ciência quanto nas classes bíblicas.

Esta é a filosofia educacional de Ellen White: “Caso seja animado o espírito missionário, mesmo que isso tome algumas horas do programa regular de estudo, serão derramadas muitas bênçãos celestes... o verdadeiro objetivo da educação é habilitar homens e mulheres para o serviço... nossas escolas foram estabelecidas pelo Senhor; e caso sejam dirigidas em harmonia com Seus desígnios, os jovens a elas enviados preparar-se-ão prontamente para empenhar-se nos vários ramos da obra missionária.”<sup>30</sup>

### Cada professor um evangelista

O modelo bíblico para o professor pode ser encontrado na vida do profeta

Eliseu. E a razão é que “fielmente, incansavelmente, através de seu longo e eficaz labor, Eliseu esforçou-se por nutrir e fazer avançar a importante obra educacional conduzida pelas escolas dos profetas”.<sup>31</sup> Em vários momentos, nós o encontramos rodeado de fervorosos grupos de jovens, dando instruções e operando milagres. O incidente que neutralizou a “morte na panela” (II Reis 4:38-44) foi operado por ocasião de uma de suas visitas a essas escolas. Eliseu era um professor que se misturava aos alunos não apenas na sala de aula. Em II Reis 6:1 e 2, nós o encontramos participando de atividades fora do *campus*, junto com os alunos, “encorajando-os com sua presença, dando-lhes instruções e mesmo realizando um milagre para ajudá-los”.<sup>32</sup> Nessa situação, ele fez flutuar o machado que o aluno deixara cair no rio.

De certa forma, Ellen White confirma o modelo educacional do *Oberlin College*, do *Pastor's College* e do Instituto Bíblico de Moody, ao sugerir que os alunos necessitam mais do que a mecânica da mensagem. Eles precisam da dinâmica da mensagem: “Professores, ide com os vossos alunos... Consagrem os professores de nossas escolas o domingo a trabalhos missionários. Levem eles consigo os alunos a celebrar reuniões pelos que não conhecem a verdade.”<sup>33</sup>

### Teoria e prática

Cada um dos evangelistas mencionados deu sua contribuição em termos de metodologia no treinamento evangelístico. Charles Finney ajudou a estabelecer a metodologia do moderno reavivamento e demonstrou que o intelectualismo e o evangelismo podem andar juntos. Charles Spurgeon foi o mais influente no desenvolvimento do evangelismo pastoral. Centenas de talentosos pastores no século 19 dedicaram-se à obra pastoral de ganhar almas. Dwight Moody é considerado o iniciador do uso da equipe evangelística. Através dessa metodologia, ele demonstrou que a organização, consolidação e a comunicação de massa, combinada com uma simples mensagem bíblica, pode ser usada eficazmente no evangelismo.<sup>34</sup>

Todos eles influenciaram as gerações de evangelistas, que vieram depois deles, pastores e missionários, através do treinamento evangelístico em escolas orientadas para a missão. Não é à toa que o início da educação adventista es-

tá relacionado à explosão do número de missões em todas as partes do mundo. As escolas não apenas supriam obreiros evangelísticos e institucionais para os empreendimentos missiológicos, mas as novas missões logo estabeleciam suas próprias instituições educacionais. Nos anos 1890, o reavivamento da educação está relacionado com as missões.

Hoje, o mundo está carente de líderes espirituais. Esses líderes sairão das modernas escolas de profetas. Que Deus nos capacite na responsabilidade de modelar esses mensageiros, inspirando os futuros evangelistas e treinando as vozes daqueles que levarão a mensagem do advento a todo o mundo, no espírito e poder de Elias. ✓

### Referências:

1. C. H. Spurgeon, *Um Ministério Ideal* (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1990), pág. 8.
2. Orlando Boyer, *Heróis da Fé* (Rio de Janeiro: CPAD, 1985), pág. 126.
3. *Ibidem*, pág. 125.
4. V. Raymond Edman, *Despertamento: A Ciência de Um Milagre* (Belo Horizonte, MG: Betânia, 1980), pág. 45.
5. Charles Finney, *Lectures on Revivals of Religion* (Oberlin: E. J. Goedrich, 1897), pág. 21.
6. P. S. Kruppa, C. H. Spurgeon, *A Preacher's Progress* (Tese doutoral, Columbia University), pág. 3.
7. Orlando Boyer, *Op. Cit.*, pág. 8.
8. C. H. Spurgeon, *O Conquistador de Almas* (São Paulo: Associação Religiosa Imprensa da Fé, 1978), págs. 97 e 98.
9. *Ibidem*, pág. 8.
10. Vasil Talpos, *The Importance of Evangelism in Ministerial Training*, (Tese doutoral, Columbia University), pág. 3.
11. *Ibidem*, pág. 135.
12. C. H. Spurgeon, *O Conquistador de Almas*, pág. 9.
13. *Ibidem*, pág. 140.
14. Vasil Talpos, *Op. Cit.*, pág. 186.
15. Justo Gonzalez, *A Era dos Novos Horizontes*, (São Paulo: Vida Nova, 1983), vol. 9, pág. 45.
16. *Ibidem*, pág. 187.
17. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 134.
18. Vasil Talpos, *Op. Cit.*, pág. 182.
19. Boanerges Ribeiro, *Seara em Fogo* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979), págs. 134 e 135.
20. Vasil Talpos, *Op. Cit.*, págs. 206 e 207.
21. Autrey, *A Teologia do Evangelismo* (Rio de Janeiro: Juerp, 1986), pág. 14.
22. Finney in Vasil Talpos, *Op. Cit.*, pág. 73.
23. George Knight, *Anticipating the Advent: A Brief History of SDA* (Boise Idaho: Pacific Press, 1993), pág. 63.
24. Borge Schantz, *Development of S.D.A. Missionary Thought* (Tese doutoral, Seminário Teológico Fuller), págs. 552 e 553.
25. Ellen G. White, *Conselhos Sobre Educação*, págs. 189 e 190.
26. Howard B. Weeks, *Adventist Evangelism in the 20<sup>th</sup> Century* (Hagerstown, MD, Review and Herald, 1970), pág. 186.
27. George Knight, *The Fat Lady and Kingdom* (Pacific Press, 1995), págs. 103 e 104.
28. Roy A. Anderson, *Report of Evangelical Council and Ministerial Association Meetings*, pág. 169.
29. *Ibidem*.
30. Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 496.
31. Ellen G. White, *Profetas e Reis*, pág. 223.
32. *Ibidem*, pág. 254.
33. Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 500.

# O PERIGO dos três “Ps”



**BERT B. BEACH**

*Ph.D., diretor de Relações Públicas e Liberdade Religiosa da Associação Geral da IASD*

**T**rinta e oito anos atrás tive a oportunidade de fazer uma palestra para um grupo de pastores a respeito de três perigos ou ameaças ao trabalho e à vida pessoal do pastor. Hoje, olhando ao redor, percebo que esses perigos ainda continuam atuais, e talvez necessitem ser enfrentados com mais determinação e sentido de urgência do que naquela época.

Quais são essas ameaças? Como podem elas ser tratadas?

## Profissionalismo

Quando um jovem aspirante ao ministério chega à sua primeira igreja, normalmente ele exhibe considerável dose de entusiasmo. Mostra-se extremamente feliz com seu chamado. Valente e destemidamente, empunha a espada do Espírito na batalha por Seu Senhor.

Entretanto, depois de ter enfrentado alguns desapontamentos e frustrações, com o passar dos anos, não raro ele percebe seu zelo evaporar-se no calor do combate pastoral. A espada, antes fla-

mejante, agora torna-se opaca, escondida em sua bainha. Raramente é empunhada com o mesmo vigor de outrora. Para alguns, essa mudança acontece num ritmo mais demorado que para outros. Mas, a dura realidade é que poucos são invulneráveis a ela.

É então que o “primeiro amor” do ministério é perdido, sendo pouco a pouco substituído por um profissionalismo frio e insensível. As tarefas ainda continuam sendo cumpridas, mas de um modo mecânico, rotineiro e formal. Os trabalhos de pregação, evangelismo, visitação e aconselhamento são realizados não raro sob constrangimento e por obrigação. Para uma incômoda parcela de ministros, o pastorado simplesmente tornou-se uma carreira, uma simples ocupação como outra qualquer.

Quando esse tipo de profissionalismo domina, o contato de coração a coração lentamente se degenera em mera técnica de trabalho. O pastor mantém a formalidade muito habilidosamente, mas onde está o espírito? O verdadeiro pastor ministra com a bondade de um santo, mostrando real interesse pessoal. Ele não vê sua congregação como um lugar de trabalho qualquer, nem seus paroquianos como simples casos. Ao contrário, considera sua igreja como um hospital onde pessoas feridas podem encontrar amor e terno cuidado.

O profissionalismo indiferente pode olhar com frieza do púlpito, especialmente quando quem o ocupa ostenta uma coleção de títulos altissonantes. Porém, essa frieza atrai poucos a Cristo pela simples razão de que realmente não O exalta em primeiro plano. Ela não pode resolver problemas. Os teóricos da Bíblia podem até conseguir êxito em desamararrar os intrincados nós da

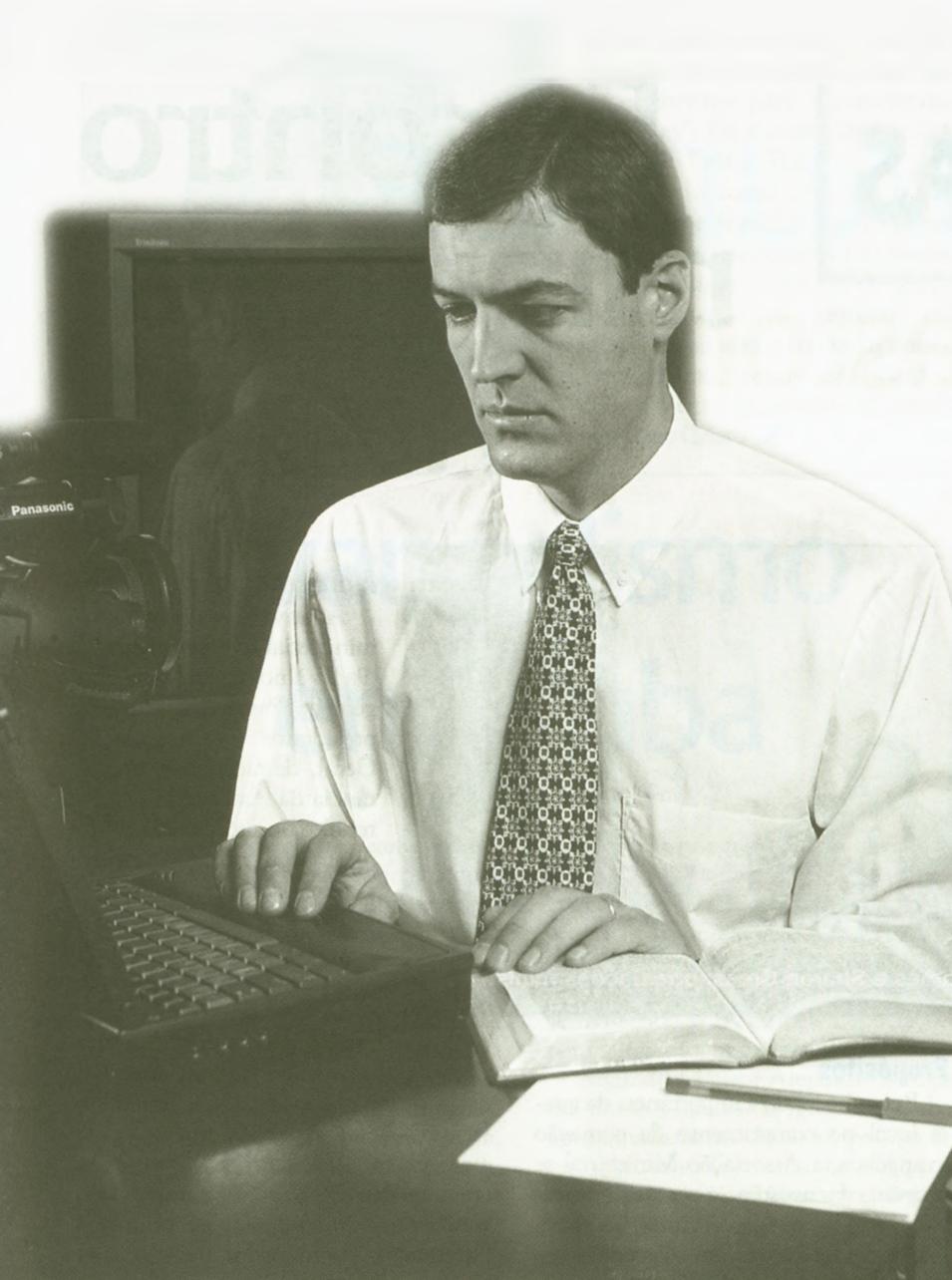
teologia; mas, se não buscarem nas Escrituras o bálsamo para as necessidades humanas, oferecerão pouco benefício sólido às pessoas. O pastor pode se livrar do perigo do profissionalismo apenas se amar ao Senhor da Igreja, às pessoas e ao trabalho para o qual foi chamado. Tal como Jesus, o verdadeiro pastor sofre com as ovelhas, pelas ovelhas e junto com elas.

A penetrante questão é: O que os membros das nossas congregações mais necessitam receber de nós? Teoria? Técnica de trabalho? Autoridade? Erudição? Essas coisas têm o seu lugar e podem ser ajudadoras; mas, em primeiro lugar, nossos irmãos necessitam receber inspiração, esperança, bondade, conforto e compreensão gentil. Precisam de um coração pastoral que pulse com verdadeiro interesse por eles, constrangido não pelo mero dever profissional, mas pelo amor de Cristo. A letra do profissionalismo mata, mas o espírito de uma apaixonada proclamação em parceria com o Espírito Santo produz vida.

## Petrificação

Durante recente viagem ao Brasil, eu comprei algumas caricaturas que, manipuladas, fazem algumas interessantes exposições. Mas elas são frias, petrificadas e mortas. São fossilizadas. O ministro não pode fossilizar-se. A lei da vida ministerial é que alguém cresce ou decai e petrifica. Jamais encontrei um pastor, não importa quão amadurecido e experiente ele seja, que não tenha a necessidade de crescer espiritual e intelectualmente.

Uma das melhores atividades que existem para manter o pastor em crescimento é o evangelismo. Meros pregadores podem murchar e petrificar,



caso percam o contato com o povo, deixando de fazer o trabalho pessoal. Porém, o vigoroso trabalho de evangelismo público e pessoal mantém o ministro em forma e metodologicamente atualizado.

Treinamento no serviço e progresso na sabedoria também são deveres ministeriais. É duvidoso que Deus chame ao pastorado indivíduos que não gostem de estudar. Estudo e aplicação da mente fazem parte da vida ministerial. A prática regular de exercício é tão necessária à mente do pastor como o é ao seu corpo. Se a mente não for nutrida, o pastor se tornará intelectualmente anêmico e superficial; um pregador

insignificante que fala simplesmente o óbvio.

Mesmo quando estava na prisão, esperando o machado de seus executores, Paulo se preocupou em crescer através do estudo. Em tal circunstância, alguns desprezariam os livros; mas Paulo fez questão deles e pediu a Timóteo que lhe providenciasse livros e pergaminhos (II Tim. 4:13).

O tempo em que vivemos oferece oportunidades sem precedentes para esse tipo de crescimento. O ministro com seu computador e a Internet tem acesso imediato aos ilimitados recursos de informação e conhecimento. Não há razão nem desculpas para a estagnação.

## Pessimismo

O ministro mais idoso é provavelmente mais vulnerável ao perigo do pessimismo do que um pastor mais jovem. O mais velho certamente já experimentou mais desapontamentos e falhas ao longo da vida. Dessa forma, corre o perigo de tornar-se mais pessimista e contagiar outras pessoas, mesmo em sua congregação. Embora sejamos humanos, como pastores, devemos evitar isso a todo custo.

Se existiu alguém que tinha razões para ser pessimista, era Paulo quando estava na prisão. No entanto, dali ele escreveu a mais alegre de suas epístolas, aos filipenses. Sem dúvida, Paulo conheceu tempos de melancolia interior e, possivelmente, até mesmo desânimo e depressão. Mas, em suas epístolas, não existe evidência de ter comunicado isso a outros crentes.

Criticismo é freqüentemente o servo do pessimismo. Nenhum pastor pode ser verdadeiramente um embaixador de Deus e criticar desdenhosa e destrutivamente a Igreja de Deus e sua liderança. Nenhum embaixador pode falar de maneira depreciativa do seu país e de seu governo e continuar na função de representá-los. Falar negativamente a respeito de colegas e da liderança é uma forma de fechar portas ao crescimento. É também um caminho seguro para o negativismo e a depressão.

Um pastor bem pode tornar-se cansado no corpo e abatido de alma. Mas a verdade é que as pessoas já têm muitos fardos e lutas particulares, para aturar um pastor crítico e pessimista.

## Antídoto

Essas são algumas das ameaças que rondam o pastor. Existem outras, mas essas são especialmente insidiosas porque não avançam sobre a presa de uma vez. Ao contrário, elas se desenvolvem lentamente, como um tumor maligno.

Por outro lado, os três "Ps" de prece, propósito e paixão representam antídotos que de fato ajudam a proteger contra os males referidos, bem como curá-los. A autobiografia espiritual do apóstolo Paulo oferece-nos a saída correta para os problemas da vida pastoral. Ele nos fala sobre como Deus apontou-lhe a fonte de poder que torna o ministro forte, produtivo e vencedor: "Então, Ele me disse: A Minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza" (II Cor. 12:9). ✓

# Encontro ministerial na AG

**S**ecretários ministeriais das Divisões mundiais, coordenadoras da Área Feminina da Associação Ministerial, editores de *Ministério* e da *Revista do Ancião* em suas várias versões, além de alguns pastores distritais convidados, estiveram reunidos em Washington, Estados Unidos, durante os dias 25 a 31 de março.

Na ocasião, foi realizado o Concílio Consultivo da Associação Ministerial, que teve como objetivo reafirmar os propósitos dessa área da Igreja, incentivar e oferecer meios para sua efetiva aplicação em todos os Campos, a partir das Divisões.

## Missão

As discussões do encontro foram desenvolvidas com base na seguinte declaração de missão: “A Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia existe para servir a Igreja mundial em sua proclamação do evangelho eterno e em sua divina missão de preparar um povo para o breve retorno do Senhor. A Associação visa cumprir essa missão através do ministério dos pastores e respectivas famílias, igreja local com seus anciãos e demais líderes, e secretários ministeriais.”



Casal James e Sharon Cress: orientações ministeriais

## A programação

As atividades do encontro ministerial tiveram início no dia 25 à noite, com a mensagem do Pastor Jan Paulsen, presidente da Associação Geral, destacando a importância da Associação Ministerial e do próprio secretário ministerial, no atendimento às necessidades pastorais.

Nos dias seguintes, as palestras e discussões foram coordenadas pelos líderes de cada setor ligado à Associação

Ministerial: Casal James e Sharon Cress, respectivamente líder mundial dos pastores e coordenadora da Afam, Pastores Peter Prime, coordenador de evangelismo, Joel Sarli, associado para treinamento de anciãos e supervisão dos seminários teológicos, Nikolaus Satelmajer, coordenador de educação contínua e assistência a clérigos não adventistas, Wilmore Eva, editor de *Ministry*, Júlia Norcott, editora associada, e Cathy Payne, responsável pelo centro de produção de materiais.

Cada dia foi reservada uma hora para discussão de assuntos específicos de cada Divisão, com a respectiva equipe. Nesse momento tinha lugar uma avaliação do trabalho efetuado, análise de possíveis dificuldades e busca de soluções.

A mensagem de encerramento, no sábado 31 pela manhã, esteve a cargo do Pastor Ted Wilson, vice-presidente da AG. Ele destacou a experiência de José do Egito como modelo para o secretário ministerial: “um pastor de-

## Propósitos

Reconhecendo a importância da igreja local no cumprimento da comissão evangélica, a Associação Ministerial se propõe a dar assistência aos pastores, capacitando-os a exercer uma liderança inspiradora e efetiva em suas congregações. Nesse sentido deve conscientizá-los da sua prioridade vocacional, ou seja, apresentar Cristo como Salvador e Senhor a todas as pessoas, indistintamente. Também deve encorajá-los e criar condições para que cresçam pessoal e profissionalmente, fornecendo-lhes nutrição para que alimentem e fortaleçam as respectivas igrejas.

A família do pastor e o grupo de anciãos também serão contemplados com a devida atenção, tendo em vista o seu fortalecimento espiritual e capacitação para o serviço.



Parte da equipe ministerial presente ao encontro da AG



**Pastor Ted Wilson: "Um pastor deve ter grandes sonhos, como José."**

ve ter sonhos elevados, e as dificuldades da vida não devem ser impedimentos para a concretização deles", foi a essência da mensagem do Pastor Ted.

Avaliado como positivo, o encontro deve frutificar agora em um atendimento mais efetivo ao pastor, à sua família e ao ancião de igreja. Evidentemente, isso resultará em igrejas inspiradas e treinadas para o evangelismo, tendo em vista o cumprimento da missão designada por Jesus Cristo. ✓

# Evangelismo em Cuba

Uma série evangelística realizada em Cuba, nos dias 12 a 20 de fevereiro, com o Pastor Alejandro Bullón, foi o primeiro evento protestante público nos últimos 42 anos da ilha comunista.

A série foi patrocinada pelo programa de rádio *La Voz de la Esperanza* e teve uma audiência de 1,5 mil pessoas, no Teatro Mella, em Havana, com permissão oficial do governo cubano.

Enquanto Bullón pregava no teatro, outros pastores conduziam a mesma reunião em 40 locais menores ao redor do país. Na última noite, cerca de mil

pessoas foram sem ingresso e ouviram a mensagem do lado de fora do teatro.

O Pastor Armando Miranda, vice-presidente mundial da Igreja Adventista, foi um dos líderes presentes ao evento. "Isto é realmente um milagre", disse, referindo-se às difíceis negociações para que o programa fosse permitido.

Segundo o Pastor Alejandro Morgado, um dos líderes da Igreja em Cuba, aproximadamente duas mil pessoas foram batizadas. Outras cinco mil pediram o batismo e estão sendo preparadas para isso. ✓

## Novos pastores ordenados

**Associação Sul-Mato-Grossense** – Marcos Roberto Pereira Nunes, casado com Susdarli Pereira Nunes, distrital de Ponta Porã; e João Bispo da Silva Filho, distrital de Fátima do Sul, casado com Marza Abelhan Bispo.

**Associação Rio de Janeiro** – Sérgio de Souza Júnior, distrital de jardim Catarina, casado com Márcia Guimarães Neri.

**Missão Sergipe-Alagoas** – Washington Luís Santos Souza, casado com Dayse Dias Silva Souza, pastor do distrito de Benedito Bentes, Maceió, AL.

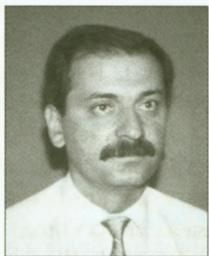
**Associação Peruana do Sul** – Noé Carlos Mayta Choquehuanca, distrital de Moquegua, casado com Delia Flores Visa; e Ramiro Leroy Diaz Mamani, casado com Vilma Velásquez, pastor do distrito de Ilo.

*"Faça todo o bem que puder,  
por todos os meios,  
de todas as formas,  
em todos os lugares,  
todas as vezes,  
a todas as pessoas,  
por todo o tempo."*

John Wesley



# O SANTUÁRIO celestial



Divulgação

**ROBERTO PINTO**

*Secretário ministerial da Associação Argentina Central*

**A** correta compreensão do ministério de Cristo no santuário celestial é o fundamento da fé cristã.

O santuário terrestre foi construído por Moisés, conforme o modelo que lhe foi mostrado pelo Senhor no monte (Êxo. 25:9). Esse santuário era apenas um símbolo ou representação em miniatura do verdadeiro santuário celestial; um “modelo e sombra das coisas celestes” (Heb. 8:5; 9:9). De igual forma, todo o serviço religioso que os sacerdotes realizavam nos dias do Antigo Testamento foi estabelecido “até o tempo oportuno da reforma” (Heb. 9:10).

Se o santuário terrestre simbolizava o santuário celestial, os sacerdotes então representavam o verdadeiro sacerdote: nosso Senhor Jesus Cristo (Heb. 8:1 e 2).

## Templo no Céu

O livro do Apocalipse registra uma visão do apóstolo João na qual ele pôde ver o templo no Céu. Naquela oca-



A. Pires

sião, o vidente observou que “diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo” (Apoc. 4:5). Também lhe foi permitido contemplar o lugar santo do santuário celestial com “sete lâmpadas de fogo ardendo” e o “altar de ouro”, tendo como equivalentes o candelabro de ouro e o altar do incenso do santuário terrestre.

Novamente, “o templo de Deus foi

aberto no Céu” (Apoc. 11:19), e João viu o lugar santíssimo atrás do véu interior. Ali contemplou a arca do concerto, representada pela arca sagrada construída por Moisés para guardar a Lei de Deus.

João relatou que viu o santuário celestial. Aquele santuário, no qual Jesus ministra em nosso favor, é o grande original do qual o santuário construído

por Moisés era uma cópia. Nenhum edifício terrestre podia representar a grandeza e a glória do templo celestial, a morada do Rei dos reis, onde milhares e milhares O servem, e milhões e milhões se prostram diante dEle (Dan. 7:10). Nesse templo, cheio da glória do trono eterno, os serafins, guardiães resplandecentes, velam o rosto em adoração diante de Deus.

As verdades importantes acerca do santuário celestial e a grande obra ali efetuada em favor da redenção do homem deviam ser ensinadas através do santuário terrestre e seus serviços.

## Ministério de intercessão

Depois de Sua ascensão, nosso Salvador iniciou Seu trabalho como Sumo Sacerdote. O escritor do Livro aos Hebreus registra: “Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus” (Heb. 9:24). Como o ministério de Jesus consistiria em duas grandes divisões, ocupando cada uma um período de tempo e tendo um lugar distinto no santuário celestial, da mesma forma o culto simbólico (no santuário terrestre) consistia no serviço diário e anual, e a cada um deles se dedicava uma seção do tabernáculo.

Jesus Cristo, depois de ascender ao Céu, compareceu à presença de Deus para oferecer Seu sangue em benefício dos crentes arrependidos. No símbolo, o sacerdote espargia o sangue por ocasião do serviço diário, no lugar santo, em favor dos pecadores.

Embora o sangue de Cristo possa livrar o pecador arrependido da condenação da Lei, não anula o pecado. Este permanece registrado no santuário até a expiação final. No tabernáculo terrestre, o sangue da vítima garantia o perdão ao pecador arrependido, mas seu pecado continuava no santuário até o dia da expiação, quando o santuário era purificado.

## Dia do juízo

Segundo o Apocalipse, no grande dia do juízo final, os mortos serão julgados “segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros” (Apoc. 20:12). Então, em virtude do sacrifício expiatório de Cristo, os pecados de todos os que se tenham arrepen-

dido sinceramente serão apagados dos livros celestiais.

Dessa forma, o santuário será liberado ou purificado dos registros do pecado. No santuário terrestre, essa obra de expiação, ou o ato de apagar os pecados, estava representado pelos serviços do dia da expiação, ou seja, da purificação do santuário terrestre que se realizava em virtude do sangue do animal oferecido como vítima e por eliminação dos pecados que o manchavam.

## Salvação individual

Satanás inventa meios inumeráveis para distrair nossa mente da obra em que precisamente devemos estar ocupados. O arquienganador aborrece as grandes verdades que ressaltam a importância do sacrifício expiatório de um Mediador todo-poderoso. Sabe que o êxito de seus projetos reside em desviar a mente de homens e mulheres de Jesus e Sua obra.

Porém, Cristo Jesus advoga em nosso favor com Suas mãos feridas, Seu corpo marcado pelas cicatrizes da coroa de espinhos, dos cravos e lança, e declara a todos os que desejam segui-Lo: “Minha graça te basta” (II Cor. 12:9). “Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma, porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve” (Mat. 11:28-30).

Portanto, ninguém deve considerar seus defeitos como sendo incuráveis. Deus concederá fé e graça para vencê-los.

Estamos vivendo no grande dia da expiação. Quando o sacerdote fazia propiciação por Israel, no serviço do santuário terrestre, todos deviam afligir suas almas arrependendo-se dos seus pecados e humilhando-se perante o Senhor, sob pena de se verem separados do povo. Semelhantemente, todos os que desejam ter o nome conservado no livro da vida, devem agora, nos poucos dias que nos restam do tempo de graça, tomar algumas atitudes imperiosas:

- Afligir a alma diante de Deus, com verdadeiro arrependimento e dor pelos pecados cometidos.
- Esquadrinhar profunda e sinceramente o coração.
- Deixar o espírito leviano e frívolo que caracteriza muitos cristãos professos.

Uma luta renhida aguarda a todos aqueles que desejam subjugar as más inclinações que tentam dominá-los. A

obra de preparo é individual. Não somos salvos em grupo. A pureza e a devoção de alguém não suprirá a falta dessas qualidades em outra pessoa. Embora todas as nações devam ser julgadas por Deus, Ele examinará o caso de cada indivíduo de um modo tão criterioso e justo como se não houvesse mais ninguém sobre a Terra. Cada pessoa deve ser provada e encontrada sem mácula, nem ruga ou coisa semelhante; limpa pelo sangue de Cristo.

As cenas relacionadas com a obra de expiação são muito solenes. Os interesses que a envolvem são incalculáveis. O juízo pré-advento está em andamento agora, no santuário celestial, desde 1844. Logo serão julgados os vivos. Nossa vida será passada em revista na augusta presença de Deus. Mais que em qualquer outro tempo, devemos agora atentar para a admoestação do Senhor: “Vigiai e orai, porque não sabeis quando chegará o tempo” (Mar. 13:33).

## Momento decisivo

Quando for concluída a obra do juízo pré-advento, também estará decidida a sorte de todos, para a vida ou para a morte. O tempo de graça terminará pouco antes de o Senhor aparecer nas nuvens do céu. Olhando esse momento, Cristo declara, segundo o Apocalipse: “Continue o imundo fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se. E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras” (Apoc. 22:11 e 12).

Os justos e os ímpios continuarão vivendo na Terra em seu estado mortal, os homens seguirão plantando, colhendo, edificando, comendo e bebendo, inconscientes de que a decisão final e irrevogável foi pronunciada no santuário celestial. De repente, como o ladrão à meia-noite, chegará a hora decisiva que fixa o destino de cada um, quando será retirado definitivamente o oferecimento de graça aos culpados.

Longe de produzir um sentimento de tristeza, culpa ou angústia, essa realidade deve conduzir-nos à alegria da salvação, ao gozo de nos sentirmos perdoados, à confiança na intercessão de Jesus. Sim, devemos ser levados a depender unicamente da Sua graça que nos molda e habilita para os acontecimentos finais. ✓

# A TEMPERATURA da mensagem



Divulgação

## CLEIDE E. FAYE PEDROSA

*Esposa de pastor, professora de Lingüística na Universidade Federal de Sergipe*

**S**endo adventista de berço e esposa de pastor, já ouvi incontáveis sermões. E fiz alguns também. Mas, atualmente, tenho uma preocupação relacionada com a pregação: a falta de conciliação entre a quantidade de informações transmitidas e o tempo gasto pelo pregador para transmiti-las. Por ser o “dia do Senhor”, o sábado tem servido de desculpa para que os pregadores prolonguem o sermão, ultrapassando o horário, reduzindo o interesse e incomodando os ouvintes.

As considerações feitas sobre esse assunto, neste artigo, estão fundamentadas nos princípios religiosos e em alguns conceitos da Comunicação.

Em qualquer área, a comunicação tornou-se uma força vital de relacionamento humano, provando que ela é um processo social. Estudiosos de campos diferentes foram levados a investigar e compreender a atuação do processo da comunicação sobre os grupos humanos,



Eliot Levi

confirmando esse pensamento. Deus criou os seres humanos com uma imperiosa necessidade de comunicar-se entre si e com Ele. Olhando por esse prisma, podemos vê-Lo como o originador da comunicação.

### Elementos da comunicação

Todo processo de comunicação pressupõe uma fonte (originador da

mensagem), um emissor (quem leva a mensagem), uma mensagem (objeto da comunicação, formada por signos lingüísticos ou palavras), um referente (contexto ou tópico de que trata a mensagem), um código (conjunto de signos com regras de estruturação), um canal (veículo transmissor) e um destinatário (para quem se dirige a mensagem).

Esse esquema parece perfeito, mas não é. Muitas vezes, a mensagem, ao passar pelo canal até o destinatário, sofre interferências que são os ruídos na comunicação. Essas interferências podem ser físicas (qualquer coisa que distraia o ouvinte), culturais (termos incompreensíveis, assuntos fora do alcance dos ouvintes, etc.), e psicológicas (agressividade, antipatia, problemas pessoais do destinatário).

Nesse último caso, cabe ao pregador cuidar do tom de voz, mostrar interesse pelos ouvintes, visitando-os e assistindo-os em suas lutas pessoais, se deseja que sua mensagem seja bem-recebida. Um destinatário que enfrenta problemas pessoais não estará disposto a aceitar a mensagem de um pregador indiferente, que fala de amor mas não o pratica.

### Comunicação quente e fria

Foi o canadense MacLuhan quem trabalhou com o conceito de “temperatura” em comunicação. Ele classificou as mensagens em quente e fria, segun-

do suas características. Uma mensagem quente, por exemplo, possui um grande teor de informação e definição, linguagem formal, rigidez e tensão. Para ser processada, exige grande esforço do destinatário, e por isso não atrai muito.

A mensagem fria veicula poucas informações, tem uma linguagem menos rigorosa, menos formal, evita estruturas e termos complexos. Por exigir pouco esforço do destinatário, tende a ser mais atrativa.

Apesar disso, não deve ser utilizada indistintamente. É preciso levar-se em conta o repertório (bagagem cultural) do destinatário. O pregador pode utilizar esse tipo de mensagem como um gancho para atrair seu ouvinte, mas não deve menosprezar a necessidade de informações complementares. Se não houver informação sólida, ainda que em linguagem compreensível, a mensagem não cumpre o seu papel. Cabe ao pregador fornecer informações que enriqueçam a bagagem cultural e espiritual (no caso específico da pregação) do destinatário.

### Papéis claros

A eficácia da comunicação depende de que emissor e destinatário se preocupem e invistam juntos no processo. Os dois lados têm papéis específicos a cumprir. Ei-los:

- *O papel do emissor.* Sondar se o destinatário realmente está interessado em comunicar-se com ele, codificar de forma precisa e simples sua idéia, respeitar o repertório do destinatário, esfriar inicialmente a mensagem, escolher o canal adequado, eliminar possíveis interferências e enviar a mensagem.

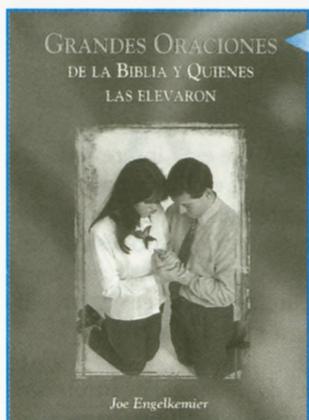
- *O papel do destinatário.* Interessar-se em participar do processo comunicativo, ser receptivo à mensagem do emissor, procurar superar as interferências, decodificar a mensagem.

Certamente o assunto não está esgotado. Mas se você colocar em prática os princípios aqui sugeridos, já terá dado um passo importante no sentido de ser ouvido e entendido. ✓

## SUGESTÕES

É possível que alguns pregadores pequem por excesso de boa vontade em alimentar o público e acabem produzindo algo como uma indigestão religiosa. Para ajudá-los, aqui vão alguns conselhos:

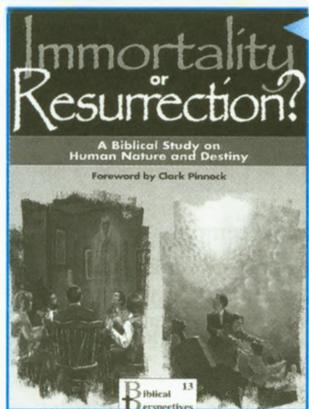
- Mesmo tendo pesquisado muito e dominando o assunto, delimite o tema quanto ao conteúdo e tempo.
- Adapte sua linguagem ao público-alvo. Uma coisa é um público urbano e outra coisa é um público da área rural. Um doutor entende uma linguagem simples; mas pessoas sem escolaridade não entendem palavras complexas.
- Não confunda linguagem simples com linguagem simplória. A questão não é utilizar o mesmo registro de fala dos irmãos não escolarizados, mas adaptar a mensagem a uma linguagem sem rebuscamento.
- Qualquer público se cala para ouvir um pregador com uma mensagem enriquecedora. Se isso não acontece, analise a qualidade de sua mensagem.
- Evite pedir silêncio. O silêncio deve ser imposto pela qualidade e pelo conteúdo da mensagem. É preciso fazer uma adaptação do tema, para que crianças, jovens e adultos sejam atraídos.
- Trinta minutos são suficientes para um sermão. Se o pregador passar disso é porque talvez não utilizou tempo suficiente para preparar-se, ou deseja pregar dois temas de uma só vez. Nos dois casos o resultado pode ser catastrófico.
- As pessoas tendem a ouvir e prestar atenção a uma mensagem apresentada por um pregador que dá bom testemunho de vida, mais do que de alguém incoerente, a quem elas conhecem e sabem que não vive o que prega.
- Elimine as interferências: física (microfonia, montagem de equipamento durante a pregação, desconforto, má iluminação, ultrapassagem de horário, etc.) cultural (use linguagem compreensível) e psicológica (seja amoroso e cortês para com os irmãos. Visite-os, conheça as suas necessidades, demonstre sincero interesse por eles).
- Lembre-se de que você é apenas um emissor de uma fonte maior que é Deus. Portanto, seja humilde e consagrado.
- Quando estiver no papel de destinatário, seja receptivo. Há pregadores que só sabem ser emissores. Quando precisam ser ouvintes, alimentam o mau costume de minimizar o que seus colegas falam, ocupando-se de alguma leitura, ou tratando de outros assuntos.



**GRANDES ORACIONES**

**DE LA BIBLIA** – Joe Engelkier, Asociación Casa Editora Sudamericana, Av. San Martín 4555, B1604CDG Florida oeste Buenos Aires, Argentina, 126 páginas.

Neste livro encontramos uma seleção das grandes orações feitas por homens e mulheres da Bíblia em ocasiões dramáticas. Orações que pelas circunstâncias críticas que as motivaram, por seu conteúdo e pela resposta de Deus, se constituem motivos de alento e inspiração para todos nós. Em sua leitura, podemos encontrar subsídios para mensagens que alimentam a congregação, bem como para nutrição da nossa própria alma.



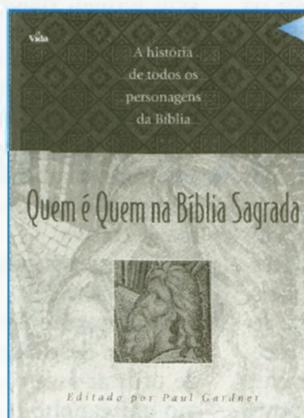
**IMMORTALITY OR RESURRECTION?**

– Samuele Bacchiocchi, Biblical Perspectives, 4990 Appian Way, Berrien Springs, MI 49103, Estados Unidos, 304 páginas. Tel. 471-2915; Fax 471-4013; E-mail [samuels@andrews.edu](mailto:samuels@andrews.edu)

[samuels@andrews.edu](mailto:samuels@andrews.edu)

Historicamente, a maior parte dos cristãos têm crido que a natureza humana consiste de um corpo material, mortal, e uma alma espiritual, imortal. Essa crença conhecida como dualismo, é derivada dos filósofos gregos que consideravam o corpo como temporário e mal, ao passo que a alma era considerada eterna e boa. O dualismo tem levado os cristãos a dividir um destino onde almas imortais sobrevivem à morte do corpo e vivem a eternidade na glória do paraíso ou no tormento do ardente inferno.

Nos anos recentes, a visão tradicional dualística da natureza e do destino humano está sob ataque massivo dos eruditos bíblicos, filósofos e cientistas, que a consideram contrária às Escrituras, à razão e à ciência. Neste livro, o Dr. Bacchiocchi mostra, com base em recentes pesquisas do texto bíblico, que corpo e alma são uma unidade indivisível, criada, redimida e restaurada por Deus.

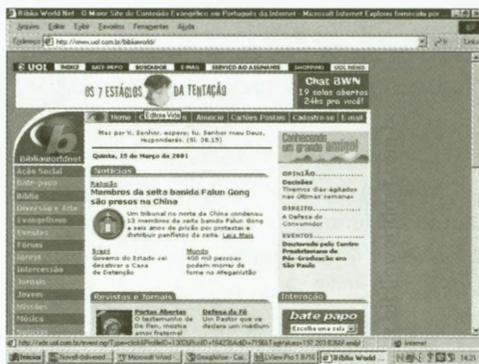


**QUEM É QUEM NA BÍBLIA SAGRADA**

– Paul Gardner (editor), Editora Vida, Rua Júlio de Castilho 280, CEP 03059-000 São Paulo, SP, 674 páginas; Telefax (0xx11) 6096-6833.

Trata-se de uma enciclopédia completa de personagens bíblicos e assuntos de antropologia geral. Produzida por uma equipe de estudiosos, esta obra contém mais de duas mil referências em ordem alfabética de todos os personagens citados na Bíblia; informações relevantes para cada verbete apresentado, artigos extensos e aprofundados sobre figuras tais como Jesus, Abraão, Moisés, Samuel, Davi, Paulo e outros; verbetes sobre temas gerais, como anjos, apóstolos, genealogias, alianças, etc. É uma ferramenta de estudo e pesquisa que não pode faltar na biblioteca do pesquisador da Bíblia.

**VEJA NA INTERNET**



[www.uol.com.br/bibliaworld](http://www.uol.com.br/bibliaworld) – Esse é o endereço da área de religião, dentro do Universo Online. Começo afirmando assim porque conheço muitos usuários que entram assiduamente nesse que um dos maiores sites do Brasil e não sabem que ele também oferece conteúdo religioso. Não espere encontrar nada profundo ou teológico, também quase nada é sectário, mas a página *Opinião* sempre aborda assuntos atuais sob o ponto de vista religioso; e, dentro da página *Jornais*, o *Jornal Palavra* é excelente, em termos de notícias religiosas. A página *Bíblia* oferece o texto integral da Versão Trinitariana (é possível que vez ou outra você queira conferir um texto nessa versão!). Recomendo também, dentro da página *Diversão & Arte*, as seções de Humor (principalmente os “cartões de riso”) e Testes (bíblicos). E tem também *Postais*, *Bate-Papo*, mas não deixe de visitar a página *Igreja*. – *Márcio Dias Guarda*, editor de Mídia digital da Casa Publicadora Brasileira.



Divulgação

## JONAS ARRAIS

**Q**uando ocorre um desastre espiritual na vida de um pastor, nota-se que geralmente são três as principais causas. Elas são mencionadas no livro escrito aos hebreus, capítulo 12:15 e 16: “Atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados; nem haja algum impuro ou profano, como foi Esaú, o qual, por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura.”

### Amargura

Pode uma pessoa que trabalha com as coisas espirituais viver amargurada? Que prejuízos ocorrem quando isso acontece? Não apenas famílias e relacionamentos são afetados, mas também a Igreja é grandemente prejudicada. Por isso a Bíblia adverte: “não haja alguma raiz de amargura.”

O dicionário define amargura como “angústia”, “dor moral”, “aflição” e “azedume”. Ellen White lembra que “amargura e animosidade devem ser banidas da alma, se queremos estar em harmonia com o Céu”. – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 310. Esse sentimento começa no coração e, como um câncer, se espalha rapidamente contaminando a pessoa toda. Ela é como uma raiz enterrada sob a superfície, que, a princípio, pode não ser notada, mas produz grandes estragos. Insatisfação, ciúmes, inveja, descontentamento e crítica são alguns dos seus sintomas.

Uma pessoa demonstra falta de espiritualidade e destrói seu potencial para o

# ARMADILHAS do ministério

trabalho quando acaricia tal sentimento no coração. Muitas vezes, por um desgosto no trabalho ou no relacionamento com alguém, a amargura domina as ações e palavras de uma pessoa. Como resultado, ela passa a desferir críticas e acusações contra uma congregação ou sua liderança. Muita gente boa já foi contaminada por esse sentimento maléfico.

### Impureza

A impureza tem feito muitas vítimas no ministério pastoral. Como qualquer outra pessoa, líderes espirituais também precisam ser cuidadosos com os pensamentos imorais. A Bíblia afirma: “Nem haja algum impuro e profano.” Essa advertência é válida especialmente para pastores, pois não é pelo fato de lidarem com assuntos espirituais que estão imunes à imoralidade. A Palavra de Deus fala de “coração que maquina pensamentos viciosos, pés que se apressam a correr para o mal” (Prov. 6:18). Isso é uma verdade, pois o comportamento é fruto dos pensamentos.

Ninguém se torna um fracasso moral da noite para o dia. O aviso de Paulo na primeira carta aos coríntios (10:12) merece cuidadosa atenção: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia.” A impureza tem a sutileza de alojar-se no coração e produzir resultados desastrosos na vida das pessoas. Fugir dela (I Cor. 6:18) é um mandamento bíblico para todos. O pastor precisa entender que é alvo predileto de Satanás; porque ele sabe do prejuízo que a Igreja e a família sofrem quando alguém cai nessa cilada.

### Cobiça

O problema de Esaú foi que ele ven-

deu algo que não deveria vender. Sua integridade, sua herança e reputação foram desprezadas. Esaú se tornou um exemplo para aqueles que, em todas as épocas, por cobiça, invertem os valores da vida, trocando o espiritual pelo material e valorizam mais o estômago do que a alma. Cobiça, avareza, ganância e desonestidade são tentações tanto para o rico como para o pobre.

A orientação bíblica, contida em Hebreus 13:5, ainda é válida para hoje: “Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes...”. Deus abomina a avareza. Ela é uma porta para outros pecados. Estar contente com o que se tem é um dos segredos da felicidade. Isso não significa que Deus seja contra o progresso, mas, sim, contra o sacrifício de valores e princípios na corrida para ele. Muitas pessoas dariam tudo para reconquistar a boa reputação que perderam por tão baixo preço.

Essas armadilhas têm sido trágicas para muitos pastores, suas famílias e seus relacionamentos. Tenhamos cuidado com as ciladas de Satanás. Sua intenção final é arruinar-nos. Destruir-nos é sua mais alta prioridade. Não permitamos que o sonho de uma família feliz, de um ministério pastoral abençoado e de uma eternidade no Céu seja destruído de maneira tola. Busquemos ao Senhor a cada dia e peçamos-Lhe sabedoria para ser pastores segundo o coração de Deus (Jer. 3:15).

Sejamos sábios e estejamos atentos às emboscadas do inimigo. Então façamos da nossa família e do nosso trabalho para Deus nossa alegria maior. ✓

# Assine a Revista do Anção para os líderes de sua igreja.



Faça sua assinatura anual agora mesmo por apenas: **R\$ 8,40\***

**Revista do Anção**  
Recursos e orientações para anciãos de igrejas locais.  
Periodicidade trimestral  
36 páginas

Ligue grátis

**0800-990606**

para fazer sua assinatura

\* Preço válido até 31/05/2001.



**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**  
Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800 - Fax: (15) 250-8900